



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

---

**LIVIA CARNEIRO LIMA DA HORA**

**ESTUDO DE NEOLOGISMOS A PARTIR DO GÊNERO DIGITAL MEME:  
CONTRIBUIÇÕES PARA A LEXICOLOGIA**

**Campo Grande - MS**

**2020**

**LIVIA CARNEIRO LIMA DA HORA**

**ESTUDO DE NEOLOGISMOS A PARTIR DO GÊNERO DIGITAL MEME:  
CONTRIBUIÇÕES PARA A LEXICOLOGIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura.

Orientador(a): Profa. Dra. Natalina Sierra Assêncio Costa

**Campo Grande - MS**

**2020**

H773e Hora, Livia Carneiro Lima da  
Estudo de neologismos a partir do gênero digital meme:  
contribuições para a lexicologia / Livia Carneiro Lima da Hora.  
– Campo Grande, MS: UEMS, 2020.  
104p.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual  
de Mato Grosso do Sul, 2020.  
Orientadora: Profa. Dra. Natalina Sierra Assêncio Costa.

1. Léxico 2. Formação de palavras 3. Neologismos  
4. Memes I. Costa, Natalina Sierra Assêncio II. Título

CDD 23. ed. -417

**LIVIA CARNEIRO LIMA DA HORA**

**ESTUDO DE NEOLOGISMOS A PARTIR DO GÊNERO DIGITAL MEME:  
CONTRIBUIÇÕES PARA A LEXICOLOGIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Natalina Sierra Assêncio Costa (Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Profa. Dra. Neide Araújo Castilho Teno (Titular)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Profa. Dra. Rosângela Villa da Silva (Titular)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

---

Profa. Dra. Elza Sabino da Silva Bueno (Suplente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Profa. Dra. Cleonice Cândida Gomes Leite (Suplente)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Campo Grande - MS, 20 de maio de 2020.

*Aos meus filhos, Gabriel Tiê e Alice, que são minha fortaleza e motivação na busca pelo crescimento profissional e humano.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus, por sustentar e guiar meus passos sempre me levando aos melhores caminhos.

Aos meus filhos, por colorirem meus dias com seus olhares e sorrisos.

A minha mãe, que sempre se esforçou para me ajudar em todos os momentos que precisei.

A minha orientadora, professora Natalina Sierra Assêncio Costa, por acreditar no meu trabalho e conduzir meus estudos com sabedoria, dedicação e paciência.

Às professoras Elza Sabino da Silva Bueno e Neide Araújo Castilho Teno, que auxiliaram com contribuições valiosas para o andamento desta pesquisa.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEMS, por compartilharem seu conhecimento e me ajudarem a expandir minha mente, me ensinando a pensar o mundo.

À professora Suzylene Dias de Araújo, coordenadora do programa, que sempre me auxiliou de forma prestativa e com atenção.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, por ser um local de acolhimento e que permite o crescimento profissional e pessoal de tantos alunos.

***A vida puxa para frente***

*Não fique preso ao ontem, a relembrar insucessos, maus-tratos e doenças.  
Você tem agora o maior bem, o de viver este dia e operar mudanças, fazer  
planos, tomar decisões, começara agir.*

*Espelhe-se nos que, com grandeza de alma, alcançaram a prosperidade.*

*Explore-se e arranque de si mais inteligência, sentimento e decisão. Não  
pare. Trabalhe. Utilize bem o seu hoje e não fraqueje.*

*O agora, o hoje, é a sua maior fonte de prosperidade.*

*Lourival Lopes*

HORA, Livia Carneiro Lima da. *Estudo de neologismos a partir do gênero digital meme: contribuições para a lexicologia*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 2020.

## RESUMO

A presente pesquisa traz uma proposta de, a partir de dados coletados, mostrar os neologismos na linguagem online sob a perspectiva da sociolinguística, com o objetivo geral de analisar o processo de formação de neologismos no meio digital, criados para suprir a carência lexical em determinados momentos da comunicação. Por conseguinte, com base na classificação proposta por Alves (2007), verificar os processos de formação de palavras empregados, a partir das escolhas lexicais utilizadas. Assim, para análise da ocorrência de neologismos, selecionamos, como material para coleta de dados, memes extraídos da página de humor “Sincero Oficial”, das redes sociais *Instagram* e *Facebook*. Destacamos a configuração textual do gênero digital conhecido por meme, difundido na internet, cuja manifestação se tornou um fenômeno social, haja vista que a associação da imagem ao texto exige significação e ressignificação do leitor, característica desse gênero emergente que ocupa espaço na comunicação online. Considerando as práticas de comunicação e interação inerentes ao contexto atual das mídias digitais, a interpretação textual vem sendo vastamente explorada pela mediação de recursos que ampliam o uso da língua, trazendo à tona novos olhares a respeito da linguagem. Tal manifestação pode ser compreendida, tendo em vista que, conforme Labov (1972), a estrutura da língua está diretamente ligada ao contexto social de sua utilização, ou seja, às transformações provocadas pelos falantes. É comum que em uma língua tão rica como o português, as palavras passem por mudanças em relação ao seu emprego, enquanto alguns vocábulos tornam-se arcaicos com o passar do tempo, diminuindo ou até extinguindo-se as ocorrências de sua utilização, outros novos são criados e usados, como é o caso das gírias e neologismos, por exemplo, ou estabilizam-se na língua, tornando-se recorrentes e usuais após algum período, podendo ser dicionarizados ou não. Nesse sentido, para compreender como acontecem os processos lexicais, a formação de palavras e os neologismos usamos como principal aporte teórico Alves (2007), Correia e Almeida (2012) e Basilio (1998,2013).

**Palavras-chave:** Léxico. Formação de palavras. Neologismos. Memes.

HORA, Livia Carneiro Lima da. Study of neologisms from the digital genre *meme*: Contributions to lexicology. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 2020.

## **ABSTRACT**

The present research proposes, from the collected data, to show neologisms in online language from the perspective of sociolinguistics, with the general objective of analyzing the process of formation of neologisms in the digital environment, created to supply the lexical deficiency in certain moments of the society communication. Therefore, based on the classification proposed by Alves (2007), verify the word formation processes used, from the lexical choices used. Thus, to analyze the occurrence of neologisms, we selected as material for data collection, memes extracted from the humor page "Sincero Oficial", from social networks Instagram and Facebook. We highlight the textual configuration of the digital genre known as meme, widespread on the Internet, whose manifestation has become a social phenomenon, since the association of the image with the text requires meaning and resignification of the reader, characteristic of this emerging genre that occupies space in Online communication. Considering the communication and interaction practices inherent in the current context of digital media, textual interpretation has been widely explored through the mediation of resources that expand the use of language, bringing new perspectives on language. Such manifestation can be understood, considering that, according to Labov (1972), the structure of language is directly linked to the social context of its use, that is, to the transformations caused by the speakers. It's common that in a language as rich as Portuguese, words undergo changes in relation to their use, while some words become archaic over time, decreasing or even extinguishing occurrences of their use, new ones are created and used, as is the case with slang and neologisms, for example, or stabilize in the tongue, becoming recurrent and usual after a period of time, and may be dictionaryized or not. In this sense, to understand how lexical processes, word formation and neologisms happen we use as main theoretical support Alves (2007), Correia and Almeida (2012) and Basilio (1998, 2013).

**Palavras-chave:** Lexicon. Words formation. Neologisms. Memes.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Redes sociais preferidas entre os brasileiros.....	27
Figura 2 - Meme “Sincero Oficial” 1.....	32
Figura 3 - Meme “Sincero Oficial” 2.....	32
Figura4 - Meme “Por que você não amadurece?” 1.....	33
Figura5 - Meme “Por que você não amadurece?” 2.....	33
Figura 6 - Neologismos criados a partir dos dias da semana.....	67
Figura 7 - Neologismo criado a partir da palavra “decepção”.....	69
Figura 8 - Neologismo criado a partir da palavra estrangeira “storie”.....	70
Figura 9 - Neologismo criado a partir do termo estrangeiro “fake new”.....	71
Figura 10 - Neologismo criado a partir da reprodução do som “kkk”.....	72
Figura 11 - Neologismo criado a partir das palavras “Noronha” e “dinheiro”.....	73
Figura 12 - Neologismo criado a partir da palavra “falsa”.....	74
Figura 13 - Neologismo criado a partir da palavra estrangeira “stalker”.....	75
Figura 14 - Neologismo criado a partir das palavras “bom dia e Dilma”.....	76
Figura 15 - Neologismo criado a partir da palavra “amor”.....	77
Figura 16 - Neologismo criado a partir da palavra estrangeira “crush”.....	78
Figura 17 - Neologismo criado a partir da palavra “contato”.....	79
Figura 18 - Neologismo criado a partir da palavra estrangeira “bad”.....	80
Figura 19 – Neologismo criado a partir de sigla.....	81
Figura 20 - Neologismo criado a partir da palavra “ver”.....	82
Figura 21 - Neologismo criado a partir da palavra estrangeira “dog”.....	83
Figura 22 - Neologismo criado a partir da palavra “nada”.....	84
Figura 23 - Neologismo criado a partir da palavra estrangeira “tolike”.....	85
Figura 24 - Neologismo criado a partir da sigla estrangeira “tbt”.....	86
Figura 25 - Neologismo criado a partir da palavra “bom”.....	87
Figura 26 - Neologismo criado a partir do nome “Enzo”.....	88
Figura 27 - Neologismo criado a partir das palavras “sobancelha e apagar”.....	89
Figura 28 - Neologismo criado a partir das palavras estrangeiras “after e before”.....	90

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tipologia de processos de neologismos com exemplos propostos por Alves (2007).....	62
Tabela 2 - Processos de formação de palavras.....	91
Tabela 3 - Tipos de neologismos.....	92
Tabela 4 - Tipos de novidade.....	93
Tabela 5 - Palavras candidatas a neologismos.....	102

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	13
<b>Capítulo I: Fundamentação teórica: Comunidades de fala no contexto digital e Renovação lexical da língua</b>	
1.1 Língua, linguagem e seu uso social.....	16
1.2 Linguagem online.....	24
1.3 Redes sociais como comunidades de fala/prática.....	27
1.4 O gênero digital meme.....	30
1.5 Definições de léxico.....	34
1.6 A heterogeneidade linguística representada no léxico.....	38
1.7 O estudo da palavra.....	41
1.8 Processos de formação de palavras na língua portuguesa.....	45
1.8.1 Derivação.....	47
1.8.2 Composição.....	52
1.8.3 Outros processos de formação de palavras.....	55
1.9 A evolução constante da língua: Os neologismos.....	56
1.9.1 Neologismos fonológicos.....	58
1.9.2 Neologismos sintáticos.....	59
1.9.3 Neologismos semânticos.....	60
1.9.4 Neologismos por empréstimo.....	60
<b>CAPÍTULO II: Metodologia da pesquisa</b>	
2.1 A metodologia da pesquisa.....	63
<b>CAPÍTULO III: Apresentação, análise de dados e discussão dos resultados</b>	
3.1 Análise dos dados.....	67
3.1.1 Análise 1 - Neologismos criados a partir dos dias da semana.....	67
3.1.2 Análise 2 - Neologismo criado a partir da palavra “decepção”.....	69
3.1.3 Análise 3 - Neologismo criado a partir da palavra estrangeira “storie”.....	70
3.1.4 Análise 4 - Neologismo criado a partir do termo estrangeiro “fake new”.....	71
3.1.5 Análise 5 - Neologismo criado a partir da reprodução do som “kkk”.....	72
3.1.6 Análise 6 - Neologismo criado a partir das palavras “Noronha” e “dinheiro”.....	73
3.1.7 Análise 7 - Neologismo criado a partir da palavra “falsa”.....	74
3.1.8 Análise 8 - Neologismo criado a partir da palavra estrangeira “stalker”.....	75

3.1.9 Análise 9 - Neologismo criado a partir das palavras “bom dia e Dilma”.....	76
3.1.10 Análise 10 - Neologismo criado a partir da palavra “amor”.....	77
3.1.11 Análise 11 - Neologismo criado a partir da palavra estrangeira “crush”.....	78
3.1.12 Análise 12 - Neologismo criado a partir da palavra “contato”.....	79
3.1.13 Análise 13 - Neologismo criado a partir da palavra estrangeira “bad”.....	80
3.1.14 Análise 14 - Neologismo criado a partir de sigla.....	81
3.1.15 Análise 15 - Neologismo criado a partir da palavra “ver”.....	82
3.1.16 Análise 16 - Neologismo criado a partir da palavra estrangeira “dog”.....	83
3.1.17 Análise 17 - Neologismo criado a partir da palavra “nada”.....	84
3.1.18 Análise 18 - Neologismo criado a partir da palavra estrangeira “tolike”.....	85
3.1.19 Análise 19 - Neologismo criado a partir da sigla estrangeira “tbt”.....	86
3.1.20 Análise 20 - Neologismo criado a partir da palavra “bom”.....	87
3.1.21 Análise 21 - Neologismo criado a partir do nome “Enzo”.....	88
3.1.22 Análise 22 - Neologismo criado a partir das palavras “sobancelha e apagar”....	89
3.1.23 Análise 23 - Neologismo criado a partir das palavras estrangeiras “after e before”..	90
3.2 Análise quantitativa dos dados e discussão dos resultados.....	91
3.3 Glossário linguístico explicativo a partir dos neologismos analisados.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFÊRÊNCIAS.....	97
ANEXOS.....	102

## INTRODUÇÃO

A sociolinguística é uma das divisões da área de estudos conhecida como “Linguística Estruturalista”, cujo objetivo é investigar a utilização da língua no meio social. Esse uso social, na práxis, está relacionado às reais manifestações de interação. Por meio da sociolinguística, como corrente teórica, é possível ampliar e propor uma diferente visão a respeito dos fatos linguísticos, pois ela trata a transformação como elemento típico das línguas.

A estrutura da língua tem relação direta com seu uso, pois o contexto social em que a língua é utilizada reflete transformações que apenas podem ser provocadas, na prática, pelos próprios falantes, exemplificando, assim, a essência dos estudos da sociolinguística variacionista, que tem por preceito a compreensão dos fatores relacionados às diferentes maneiras de utilização da língua na sociedade.

Nesse contexto, a razão da escolha do tema objeto desta pesquisa se deu a partir de determinada situação ocorrida em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS, onde, enquanto docente da disciplina de Língua Portuguesa, trabalhei com alunos do ensino fundamental II uma atividade envolvendo o gênero textual de textos publicitários. Os estudantes deveriam criar um anúncio publicitário de um produto fictício, com imagens (recortadas de revistas ou desenhadas) e textos curtos que chamassem a atenção do leitor, além de um *slogan* para o produto que estariam anunciando nessa pequena propaganda. Os resultados foram os mais criativos possíveis, porém, ao solicitar autorização da coordenação escolar para afixar os cartazes no mural, fui indagada a respeito da linguagem utilizada pelos alunos nos textos escritos, por ter muitas palavras “da moda”, o que não estaria de acordo com a gramática que deveria ser ensinada na escola. Além disso, nas atividades de produção textual, também era recorrente o emprego de vocábulos que me causavam estranhamento e sensação de novidade, como no caso de um aluno que escreveu uma narração com o título “Meu amigo *noob*”, repetindo no texto várias vezes o termo (não-dicionarizado), o que me levou a pesquisar o significado, já que nunca havia escutado antes.

Tais circunstâncias motivaram-me a refletir a respeito da utilização da Língua Portuguesa na prática das novas gerações, pois, por mais que as teorias a respeito da língua como organismo vivo, empregada em diferentes condições de produção, interação e situações discursivas estejam em constante expansão, a escola ainda trata essa disciplina de maneira tradicionalista, com uma ideologia purista e pautada no ensino sistemático de regras gramaticais.

Existe uma tentativa de se prender à norma culta formal como a única aceitável, porém os formatos inovadores já estão estabelecidos e, inclusive, já ultrapassam a

modalidade oral, estando presentes na escrita em todos os níveis, conforme exposto por Bagno (2009).

Dentre os novos usos da língua, causa temor a escrita utilizada na comunicação online, neste estudo entendida como uma maneira de se comunicar por meio de dispositivos ligados em rede. Dessa forma, é inegável a relevância do ensino da variedade de maior prestígio da língua, porém deve-se considerar o fato de que a linguagem online é amplamente utilizada fora da escola e na sociedade de maneira geral, o que fundamenta o mérito deste estudo.

Nesse cenário, destacamos a ocorrência linguística do neologismo, também presente no cotidiano dos falantes. Compreender o fenômeno que envolve o uso social da linguagem é importante para analisar a estrutura de deformação da língua e suas transformações ao longo do tempo, conforme as novas ocorrências e manifestações das comunidades de fala, demonstrando sua heterogeneidade.

Marcuschi (2008) amplia essa visão de materialização da escrita que decorre das diversas situações do discurso oral, ao expor a ideia de que o texto é uma entidade concreta que se manifesta por meio de algum gênero textual, gerando o discurso, que, por sua vez, é o resultado da produção textual. Na medida em que a linguagem é representada das mais variadas formas no contexto digital, a internet se apresenta como uma possibilidade para os estudos dos neologismos, pois pode ser considerada um dos “bairros” em que essas “crianças” circulam com maior liberdade. (LOBATO, 1934)

Verificamos que na língua portuguesa o estudo das inovações nas criações lexicais está ainda em grande parte pautado em produções acadêmicas que analisam textos jornalísticos e literários, conforme Alves (2007). De fato, ao buscar fontes para compor os dados de análise para esta pesquisa, muito foi encontrado a respeito de estudos do neologismo em linguagem literária, como ocorre de forma abundante em Guimarães Rosa e Manoel de Barros, por exemplo, ou em textos jornalísticos, principalmente relacionados às eleições presidenciais. Por meio de uma curta pesquisa inicial, foram encontrados 33 vocábulos neológicos formados apenas a partir do sobrenome do presidente eleito, Jair Messias Bolsonaro, em jornais e blogs políticos online, o que poderia facilmente servir de base para análise deste trabalho. No entanto, a inovação proposta nesta pesquisa se pauta em buscar neologismos nos memes, por se tratarem de uma forma de comunicação tão próxima da comunidade de fala brasileira, refletindo o uso corrente da língua atualmente.

Assim, o objetivo geral da pesquisa é analisar a ocorrência de neologismos no meio digital. Os objetivos específicos são, então, identificar em memes palavras que não são dicionarizadas, agrupá-las, conforme o processo de formação de tais palavras e verificar a renovação lexical por meio dos neologismos.

Para tanto, o estudo é apresentado em três capítulos, sendo o primeiro para tratar questões de fundamentação teórica, procurando fazer um diálogo entre as teorias abordadas e a sociolinguística, o segundo traz a metodologia de pesquisa e o terceiro a análise dos dados.

No primeiro capítulo são explicados conceitos que relacionam a ligação entre a linguagem, a linguagem online, que possui características específicas, e as redes sociais para apresentar a noção de comunidades de fala no contexto digital, além de conceitualizar o meme, por tratarem-se de definições fundamentais à compreensão do trabalho.

Na sequência, ainda no primeiro capítulo, tratamos das questões ligadas à lexicologia, demonstrando o que é a palavra, com base em Basilio (2013), quais os meios utilizados na língua para formar e estruturar palavras, percorrendo os processos de formação, com base em Kehdi (1997), e chegando aos neologismos, baseado, principalmente, em Alves (2007) e Correia e Almeida (2012), buscando esclarecer e delimitar quais os critérios para que determinada palavra seja considerada neologismo na língua corrente.

O segundo capítulo descreve os procedimentos metodológicos adotados e o terceiro apresenta a análise dos dados coletados, além de oferecer o produto final da pesquisa, o glossário linguístico explicativo, com os neologismos examinados e sua significação em língua portuguesa.

## **CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: COMUNIDADES DE FALA NO CONTEXTO DIGITAL E RENOVAÇÃO LEXICAL DA LÍNGUA**

### **1.1- Língua, linguagem e seu uso social**

À luz da teoria laboviana, considera-se a língua um sistema heterogêneo, sendo a mudança uma característica inerente a todas as línguas vivas e em processo de transformação. Nessa perspectiva, a sociolinguística tem por objeto de estudo a relação que existe entre língua e sociedade, não admitindo a existência de uma ciência da língua que não seja social.

A fim de compreender o funcionamento da língua da forma que é ou já foi falada em diferentes épocas e contextos sociais é preciso investigar todos os aspectos relacionados a sua utilização, que abrangem os fatores lingüísticos (sintáticos, fonológicos, morfológicos) e extralingüísticos, que podem incluir idade, gênero, nível escolar, conhecimentos tecnológicos disponíveis, entre outros, pois a língua enquanto fato social resulta, também, desses elementos externos que nela exercem influência direta.

A língua é encarada como um sistema em que mudanças podem ocorrer a qualquer momento e servem para complementar e aperfeiçoar a comunicação, podendo ocorrer substituição de formas ou coexistência, por isso, mesmo havendo diferentes códigos que podem ser usados na comunicação, a língua é de importância relevante, pois representa uma forma de expressão que pode ser empregada em qualquer grupo social, servindo como principal método de interação entre os integrantes de uma comunidade de fala.

Para esclarecer a definição de língua, Saussure (2006, p. 17) pontua:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Percebemos que a linguagem é vista pelo autor como uma faculdade, sendo a língua o mecanismo que possibilita seu efetivo exercício, por isso é essencial aos estudos linguísticos, trata-se da manifestação social da linguagem, pois, já que um falante não se comunica sozinho, não é possível alterá-la apenas por vontade individual, sendo necessário um acordo entre os membros da comunidade.

Desse modo, a língua faz parte da representação de uma comunidade e retrata as ações de seus membros, exercendo um papel sociocultural no meio da qual faz parte, podendo interferir em aspectos da vida como comportamento social, modo de ser, história, cultura, valores, crenças e, principalmente, nos falares do povo que a utiliza na

comunicação. Por essas peculiaridades, a língua pode servir como um espelho capaz de mostrar características de uma sociedade.

Para Basilio (2013, p. 9):

as línguas existem para que possamos falar uns com os outros. O objeto de nossa comunicação é o mundo, mais precisamente nosso mundo: coisas, pessoas, lugares, ideias etc. e suas relações, sejam essas naturais ou artificiais, concretas ou abstratas, reais ou imaginadas. Naturalmente, é necessário primeiro identificar as coisas de que queremos falar e, portanto designar pessoas, lugares, acontecimentos etc. sobre os quais vamos nos expressar. Assim, a língua é ao mesmo tempo um sistema de classificação e um sistema de comunicação.

Nessa perspectiva, a língua atua como mecanismo que fornece ao homem uma forma de expressar as ideias que lhe são convenientes e torná-las públicas. Nesse processo é considerada mediadora na ligação entre o homem e o mundo.

Pinker (2004, p. 7) afirma que “uma língua comum une os membros de uma comunidade numa rede de troca de informações extremamente poderosa”. A realidade dos falantes é construída e transformada por meio da língua, pois seu domínio torna possível o conhecimento e a produção de infinitas combinações de palavras, que se agrupam formando o que denominamos discurso.

Kenedy (2013, p. 9) expõe que:

Com efeito, língua é um tipo específico de linguagem, como o próprio Saussure já havia dito. Afinal, uma língua também é um sistema de comunicação e expressão e, assim, é uma forma de linguagem. Acontece que a língua é uma forma singular de linguagem, com características próprias que a distinguem de todas as demais linguagens animais ou humanas não-verbais.

Nessa visão, a grande porção de expressões compartilhadas pela comunidade e aceitas socialmente e a infinita possibilidade de combinações do léxico, são fatores que tornam uma língua única e a distinguem da linguagem, pois essa capacidade de criação é específica de cada língua.

De acordo com Araújo (apud VANOYE, 2002, p. 20) “a linguagem é entendida como representativa do mundo e do pensamento, surge da concepção de que o homem, por meio da linguagem, vai espalhar para si o mundo, sendo, pois, a função da língua refletir o seu pensamento e conhecimento do mundo”. Tal excerto retoma a ideia de que a língua é essencial para concretizar a rede de troca de informações existente na comunicação, transformando as ideias em discurso.

Chomsky (2015, p. 15) argumenta que a língua é “um conjunto (finito ou infinito) de frases, todas elas com extensão finita e construídas a partir de um conjunto de elementos.” Notamos que a definição do autor considera a possibilidade de construção de sequências gramaticais e agramaticais por meio da língua, sendo a análise linguística capaz de distinguir tais situações.

Já para Kenedy (2013, p. 27):

o termo língua pode assumir pelo menos dois significados. Primeiramente, pode significar o conhecimento linguístico de um indivíduo acerca de uma dada língua, ou seja, é a faculdade cognitiva que habilita esse indivíduo a produzir e compreender enunciados na língua de seu ambiente.[...] Em segundo lugar, língua pode significar o código linguístico existente numa comunidade humana, isto é, língua é o léxico e tudo o que nele está contigo ou dele é derivado.

Na concepção do teórico, à priori a língua é vista como uma capacidade de produção de conhecimento que existe na mente humana, dessa forma, cada indivíduo domina uma maneira singular de sua língua e o número de línguas existentes seria diretamente proporcional à quantidade de pessoas que a utilizam como meio de interação linguística. Em segunda análise, o entendimento de língua se amplia, sendo considerada não mais como algo individual, e sim uma convenção existente em comunidades, diminuindo a quantidade de línguas possíveis.

Tal pensamento está relacionado às ideias que Chomsky (apud KENEDY 2013) apresenta a respeito da “Língua-I” e “Língua-E”, como métodos de distinção que possibilitam uma maior compreensão das faces da língua, sendo a primeira uma visão da língua como faculdade cognitiva, isto é, pertencente à mente, ocorrendo de maneira internalizada e individual. Já a segunda tem a língua como resultado de um código linguístico, uma ocorrência de aspecto sociocultural, em que indivíduos compartilham seu uso em sociedade. Tais distinções permitem perceber que a língua está em permanente processo de desenvolvimento, que acontece no cotidiano a partir da interação entre seus falantes.

Quando nos referimos à comunicação, convém distinguir que sua manifestação pode ocorrer de maneira escrita ou falada, sendo que existem particularidades específicas em cada processo. A respeito das características da língua falada, Vanoye (2002, p.37) esclarece:

Possui recursos expressivos específicos como a acentuação, pausa, entonação e fluência. Na língua falada ocorrem mais as onomatopeias, as exclamações, a repetição de palavras, rupturas de construção de frases, o complemento não aparece, partindo a frase para outra direção, a língua falada emprega formas contraídas ou omite termos, no interior das frases não emprega certos tempos verbais.

Entre as formas de comunicação, a língua falada é a mais utilizada pelo ser humano, pois representa uma forma de expressão livre, aberta e que não exige conhecimentos de padrões e regras da gramática normativa, como ocorre na língua escrita.

Vanoye (2002, p.37) pontua também que “a comunicação escrita é menos ‘econômica’ e força o emissor a fazer referências mais precisas sobre a situação. A língua escrita então é geralmente mais precisa e menos alusiva que a língua falada”, isto é, a língua escrita exige uma formalidade maior e envolve a compreensão de regras para que possa ocorrer interação, exigindo, assim, algum conhecimento gramatical por parte do

emissor e do receptor, pois a falta de domínio do código da língua acarretará em dificuldades na compreensão das ideias envolvidas no discurso. Ademais, a língua escrita também exige uma reflexão mais atenciosa para que se possa transformar as ideias em um texto coerente, capaz de transmitir a mensagem ao receptor.

A linguagem é parte da existência de nossa espécie há um longo espaço de tempo, tornando-se uma habilidade natural na vida humana e, mais do que isso, uma necessidade essencial, logo, na atual constituição da humanidade, parece inconcebível pensar na existência de comunidades sem que haja comunicação entre os indivíduos, portanto, é encarada como fundamental em nossa existência, por servir como forma de decodificação dos pensamentos.

Nesse cenário, para Pinker (2004, p. 25):

a linguagem completa é universal porque as crianças efetivamente a reinventam, geração após geração - não porque a aprendem, não porque são em geral inteligentes, não porque é útil para elas, mas porque não têm alternativa.

Em suas declarações a respeito da linguagem, o autor procura sempre reforçar o entendimento de que se trata de um instinto primordial à interação humana, e esclarece que esse instinto da linguagem é algo que já se manifestava nos tempos mais remotos da humanidade, sendo que apenas o homem tem a capacidade de promover mudanças assertivas, uma vez que sua evolução promove também a renovação desse sistema para auxiliar no processo de comunicação.

Pinker (2004, p. 7) afirma ainda que “a linguagem está tão intimamente entrelaçada com a experiência humana que é quase impossível imaginar vida sem ela”, o que se deve ao fato de que o homem precisa da linguagem para conseguir organizar sua vida social e cultural, trazendo sentido a suas ações.

Notemos que, no prisma de Saussure (2006), importantes esclarecimentos a respeito da linguagem também foram prestados, além de tratar da língua e da fala, abordadas por ele como *language*, *langue* e *parole*, uma espécie de triângulo o qual relacionava como base fundamental para ocorrência do ato comunicativo.

Na visão saussuriana, a linguagem exerce um papel bastante abrangente na comunicação, tendo a língua e fala como porções intrínsecas na referida ligação. Nesse ponto de vista, essa tríade seria como uma moeda, em que de um lado estaria a língua, representando a característica social da linguagem, do outro estaria a fala, representando o aspecto individual e a linguagem em si seria representada pela própria moeda, por ser mais abrangente, completando o elo entre tais elementos.

Saussure (2006, p.17) ainda alega que:

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela

pertence além disso ao domínio individual e ao mundo social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.

Na compreensão do autor, a língua é considerada o foco dos estudos em linguística, mas a linguagem envolve essas unidades distintas que se complementam, o que acaba por gerar uma dicotomia envolvendo a língua e a fala, já que esses dois elementos se entrelaçam em seus significados, gerando um pertencimento mútuo entre as partes em favor do processo de comunicação. O teórico explica, ainda, que o alvo dos estudos da linguística não poderia ser a linguagem, porque ela representa um todo, como expõe ao classificá-la como “multiforme e heteróclita”, isto é, com formas diversificadas, mas sendo única ao mesmo tempo.

Por outro ângulo, Sapir (1980, p. 12) define a linguagem como:

um método puramente humano e não-instintivo de comunicação de ideias, emoções e desejos por meio de um sistema de símbolos voluntariamente produzidos. Entre eles, avultam primacialmente os símbolos auditivos, emitidos pelos chamados “órgãos da fala”. Não há uma base discernível de instinto na fala humana considerada como tal, embora muitas expressões instintivas e a própria natureza ambiente sirvam de estímulo ao desenvolvimento de certos elementos linguísticos, e embora muitas tendências instintivas, motrizes e outras, ofereçam um teor ou molde predeterminado à expressão linguística. Comunicações humanas ou animais [...] decorrentes dos gritos involuntários instintivos não constituem, a nosso ver, fatos de linguagem.

Percebemos que, nessa visão, a linguagem não é considerada algo que acontece de maneira instintiva nas relações humanas, pois para que se manifeste é necessário haver um processo a partir das experiências adquiridas na vida, ou seja, é preciso conhecimento para produção de linguagem, caso contrário sons involuntários seriam uma forma de linguagem, porém, conforme cita o autor, não são considerados como tal.

Sapir (1980) faz ainda uma interessante analogia entre a linguagem e o pensamento. Nesse ponto, considera esse último como um elemento amplamente relacionado à faculdade da linguagem, uma habilidade inserida no domínio cerebral a qual possibilita o constante aprimoramento da linguagem. Pensamento e linguagem estão ligados em um processo recíproco de interação, pois um permite o aperfeiçoamento do outro.

Do ponto de vista de estudos da linguística recente, a linguagem tem sido analisada como parte da ciência cognitiva, pois sua predisposição parece tratar-se de um componente da natureza humana. De acordo com Pinker (2004), essa categoria científica procura esclarecer o funcionamento da inteligência, baseando-se em concepções de diferentes campos como a Filosofia, Psicologia, Neurobiologia e outras. Analisar a linguagem sob essa ótica, propõe a busca de conhecimento em relação à estruturação e forma de ação dos fenômenos que a circundam, a fim de compreender sua manifestação desde a infância de forma natural, ainda que não haja instrução formal para seu ensino.

Em Matencio (2002, p. 17):

reflexões contemporâneas afirmam que a construção de sentidos, seja pela fala, escrita ou leitura, está diretamente relacionada às atividades discursivas e às práticas as quais os sujeitos têm acesso ao longo do seu processo de socialização.

Na citação do autor, mais uma vez o caráter social da linguagem é evidenciado, agindo como mecanismo que possibilita ao homem expressar de suas ideias da maneira que lhe for conveniente, a fim de torná-las públicas levando-as ao conhecimento de todos, sendo considerada uma conexão entre o homem e a sociedade que o cerca.

De acordo com Mollica e Braga (2003, p. 9) “a sociolinguística considera em especial como objetivo de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”. Nesse sentido, as diferentes manifestações lingüísticas não são consideradas mais ou menos corretas, ou ainda capazes de gerar problemas sociais, e sim analisadas como maneiras que merecem ser observadas para registro e descrição de cada tipo de ocorrência dessas variáveis comunicacionais, uma vez que a concretização de tais manifestações se dá por meio do uso da língua em suas diferentes apresentações.

Faz-se necessário, portanto, sempre buscar relacionar as realidades vivenciadas pela comunidade de falantes à maneira de apresentar os conteúdos textuais disponíveis em seu cotidiano, que, no caso da linguagem dos memes (tema abordado no próximo capítulo), mostra-se como uma situação que não requer apenas a decodificação de palavras.

Ainda abordando características da linguagem, entendida como reflexo das relações humanas, pode-se dizer que ela é, preliminarmente, social. Nesse contexto, a linguagem é encarada também como instrumento de inclusão social, devido à sensação de pertencimento existente em um grupo, derivada da forma de expressão por ele utilizada, por isso temas que abordam a interação em sociedade são interessantes aos estudos sociolinguísticos, como evidencia Tarallo (2007, p. 35) “sociolinguística soa até redundante, pois implica a possibilidade de uma ciência linguística que não seja social. Nosso compromisso com o aspecto social da linguagem é, portanto, imperativo”. Pensar a respeito da linguagem é refletir sobre as relações sociais que se estabelecem a partir de situações comunicativas reais, ou seja, dos usos sociais que dela são feitos.

Carvalho (2012a, p. 35) evidencia que “com a sociolinguística a linguagem passa assim a ser concebida como criação ligada ao falante que a usa, no meio social em que vive”. Ela é uma das formas de retratar determinada sociedade e registrar características de seus membros, por ser uma faculdade dinâmica que o homem possui, servindo como organismo capaz de gerar e interpretar palavras no uso do léxico.

Nesse sentido, Petter (apud FIORIN 2007, p. 11) ressalta a capacidade de criação do ser humano possibilitada e explorada por intermédio da linguagem quando cita que:

o fascínio que a linguagem sempre exerceu sobre o homem vem desse poder que permite não só nomear/criar/transformar o universo real, mas também possibilita trocar experiências, falar sobre o que existiu, poderá vir a existir, e até mesmo imaginar o que não precisa nem pode existir. A linguagem verbal é então a matéria do pensamento e o veículo da comunicação social. Assim como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação. Tudo que se produz como linguagem ocorre em sociedade.

Poderia então o homem se relacionar e evoluir nos aspectos essenciais à sobrevivência em sociedade se não fosse houvesse a linguagem utilizada para troca de informações com seu grupo? Pela citação exposta é demonstrado que não, pois a autora evidencia a linguagem como fator primordial no desenvolvimento das relações humanas, e essa relação de trocas, por meio da linguagem, é o objeto de estudo da sociolinguística.

Mollica e Braga (2003, p. 9) esclarecem que:

a sociolinguística é uma das subáreas da Linguística que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

Ao tratar características da linguagem, as autoras explicam que a heterogeneidade está relacionada à dinamicidade existente nas línguas naturais humanas, pois é possível a existência de formas distintas de interação no sistema linguístico. Esse fenômeno gera a alternância de uso, ou seja, a coexistência de maneiras diversas de expressar o mesmo vocábulo ou enunciado, que pode ser influenciada por fatores estruturais e sociais.

Por conseguinte, pode ser considerado comum no sistema linguístico o uso de diferentes expressões para nomear a mesma sentença, porém em contextos usuais distintos, ou seja, em cada uso existe uma finalidade que é definida de acordo com “padrões” de cada comunidade de fala, isto é, por fatores extralinguísticos, que ultrapassam os limites da língua.

A respeito dessas comunidades, Labov (1972, p. 120-121) aborda algumas características:

a comunidade de fala não é definida por nenhum acordo/contrato no uso de elementos de língua, mas pela participação em um jogo de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos e pela uniformidade de modelos abstratos dos padrões da variação que são invariáveis em relação aos níveis particulares de uso.

O teórico retrata que esse compartilhamento de determinadas “normas” estabelecidas em um grupo está ligado ao uso social da linguagem, que se dá por seu

caráter heterogêneo, permitindo que haja escolhas vocabulares que possibilitem a melhor maneira de interação para cada grupo.

Essa diversidade de escolhas é exemplificada por Leite e Callou (2002, p. 8-9) ao explicarem que palavras diferentes podem ser atribuídas para nomear a mesma fruta, por exemplo, “como tangerina, mexerica, laranja cravo ou bergamota, pinha, fruta do conde ou ata, goiaba ou araçá”. Apesar da possibilidade de opções, o importante é que a unidade maior de entendimento seja preservada.

Em vista disso, quando há variação linguística em decorrência do uso simultâneo de escolhas vocabulares diferentes para situações similares, o falante tem a opção de utilizar a que mais se identifica e isso será decidido de acordo com as “normas” adotadas na comunicação dentro de cada comunidade.

Por outro lado, essa decisão da linguagem escolhida pode ocorrer por parte do falante por uma necessidade de adequação de discurso, pois determinadas situações comunicativas exigem que a linguagem utilizada tenha um nível mais ou menos formal, por exemplo.

Outras possibilidades de variação na linguagem podem se dar por regionalismos, já que em locais geográficos diferentes tende a haver maneiras distintas de expressar determinadas escolhas vocabulares, e também podem acontecer por novos padrões de linguagemem decorrência de mudanças de ampliação do léxico. Dessa maneira, de acordo com McCleary (2007, p. 43):

No mesmo lugar, vai haver pessoas que já adotaram a mudança (e já usam a nova palavra ou expressão ou variante alofônica) e pessoas que ainda não mudaram a fala, e continuam falando da maneira antiga. Esse fato, o de co-existirem variações no mesmo lugar e no mesmo tempo, significa que as pessoas sempre têm opções. O estudo da variação linguística é basicamente um estudo sobre o que as pessoas fazem com essas opções, e o valor que essas opções têm para as pessoas e para a sociedade.

Percebemos que a linguagem, enquanto sistema que reproduz ações dos falantes, é dinâmica e está sempre sujeita a mudanças constantes resultantes da criatividade linguística, visto que, como cita Carvalho (2012a, p. 32), “uma língua, através do vocabulário que a liga ao mundo exterior, reflete a cultura da sociedade à qual serve de meio de expressão”. Ainda de acordo com a autora, esse reflexo se dá devido à dinamicidade da linguagem, que não é algo pronto e acabado e sim, uma construção contínua que se fundamenta em padrões anteriores para atender às necessidades comunicativas de cada comunidade no processo da comunicação linguística.

Por meio de linguagem, podemos obter importantes pistas a respeito dos falantes, pois ao analisar aspectos do modo com que determinadas palavras são empregadas no discurso, é possível ter um direcionamento em relação à origem, ideologias e características de quem fala.

Leite e Callou (2002, p. 7) demonstram que:

é através da linguagem que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e o entendimento de si própria e do mundo que a cerca. É na linguagem que se refletem a identificação e a diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias, gêneros, graus de escolaridade.

Dessarte, ressalta-se a importância social da linguagem no sentido dessa variedade de usos estar diretamente relacionada à unidade de sentido, pois apesar de haverem maneiras diferentes de interação, não significa que sejam contraditórias, como explicam Mollica e Braga (2003), desse modo é mantida a coesão da linguagem em meio à heterogeneidade. Dado o exposto, é inegável a importância da linguagem enquanto elo capaz de unir membros de uma sociedade e transpor barreiras comunicativas nos mais diversos ambientes, sempre com a capacidade de transformar e ressignificar sentidos na medida em que ocorre a evolução humana, das modalidades e gêneros textuais.

## **1.2 Linguagem online**

Buscando descrever a linguagem utilizada em ambientes online é necessário um olhar abrangente que permita a ampliação dos conceitos de interação mediada pelo uso das tecnologias. Para tanto, é importante esclarecer noções básicas essenciais à compreensão desse formato de comunicação que é relativamente nova e transgressora, capaz de gerar uma ruptura com padrões demarcados da língua utilizada em comunidade.

Cumprido salientar que as teorias abordadas neste tópico se baseiam, sobretudo, em Barton e Lee (2015), por ser, dentre os estudos mais recentes, o que elucida com clareza os conceitos abordados.

Para Barton e Lee (2015, p. 19) “quando dizemos on-line e off-line estamos nos referindo aos diferentes contextos situacionais em que a comunicação ocorre”. Na perspectiva dos autores e neste estudo, o termo “linguagem online” diz respeito às diversas manifestações de comunicação que acontecem em dispositivos de rede e que possibilitam a interação entre pessoas em um mundo social mediado textualmente, proporcionando a multimodalidade da escrita.

Na linguagem online a oralidade se mistura ao texto e à imagem, gerando uma maneira peculiar de comunicação, que traz à tona algumas características que necessitam de um olhar diferenciado capaz de considerar sua particularidade em transitar entre fala e escrita.

Barton e Lee (2015, p. 13), explicam também que na linguagem online “não é totalmente claro quando devemos nos referir à linguagem como escrita ou falada; e as

atividades de leitura e escrita estão sendo redefinidas”, o que evidencia a necessidade de ressignificação de olhares nos estudos a respeito da comunicação mediada por ferramentas digitais, para que não tenhamos o risco de minimizar essas interações apenas a modelos não convencionais de escrita descontextualizados das práticas sociais dos falantes, pois ao contrário disso, essa linguagem está a cada dia mais integrada à realidade linguística e textual devido ao contato diário com as novas mídias.

Igualmente, na linguagem que verificamos nas redes sociais existe a possibilidade de escrita e leitura de um texto por diferentes usuários e é necessário que haja uma linguagem acessível, por isso, apesar de se basearem nas normas estruturais da língua, tais textos estão mais propensos a apresentarem desvios em relação à concordância, acentuação, pontuação, entre outras regras. No entanto, essa mistura de diferentes escritas são as marcas linguísticas predominantes nessas redes.

Para Marcuschi (2001, p.49) “transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica, com base numa série de procedimentos convencionalizados”, no entanto, em muitas situações essas convenções da língua não são observadas, transferindo para a escrita algumas marcas características da oralidade, ou seja, as formas comuns da língua falada usada no cotidiano.

Ainda de acordo com Barton e Lee (2015, p. 30) “as pessoas exploram as virtualidades desses espaços de escrita e as formas letradas estão sendo renegociadas”, o que abre espaço para tratarmos de assuntos relacionados aos neologismos e à natureza textualmente mediada nas novas mídias, pois compreender o desenvolvimento da escrita online é um importante registro linguístico social nos dias atuais.

Nesse contexto, David Crystal, que em 1995 já pesquisava sobre linguagem em meios digitais e as mudanças que a internet trazia no uso da língua, sendo um dos precursores em tal estudo, defende o papel da linguística atuante nos assuntos que envolvem a produção discursiva digital, a qual nomeia como “Linguística da Internet”. Conforme Crystal (apud SHEPHERD e SALIÉS, 2013, p. 29), “precisamos entender como a linguagem mediada pelo meio digital funciona, explorar pontos fortes e como evitar os perigos, e é nesse aspecto que a Linguística da Internet, ora em desenvolvimento, pode ser uma contribuição significativa”. No entendimento do autor, a criação de uma área da linguística dedicada exclusivamente aos estudos discursivos no ambiente da internet seria uma possibilidade de ampliar a pesquisa sobre linguagem.

Murano (2011, p. 30) também traz importantes dados ao relatar que:

não só a leitura como também a escrita foram favorecidas pela explosão da comunicação na internet observada na última década, que proporcionou um contato maior das pessoas com as atividades que envolvam a escrita - como deixar um recado na página de um amigo, escrever um e-mail ou postar textos num blog. Também é inegável que sites de relacionamento tornaram o ato de escrever mais banal e cotidiano, sem nenhum prejuízo

nisto, uma vez que a escrita elaborada deixou de ser algo exclusivo de escritores e das atividades escolares. Os números atestam a presença incontornável das redes sociais no dia a dia das pessoas. Segundo uma pesquisa realizada pela empresa Hitwise Serasa Experian, essas redes são responsáveis por 62% do tráfego de internet no Brasil. Em julho de 2009, 21,4 milhões de pessoas usaram algum tipo de rede social no país, isto é, cerca de 83% dos internautas residenciais, de acordo com o Ibope Nielsen Online.

Percebemos na fala do teórico uma visão positiva em relação à utilização da linguagem online, pois acredita que teve participação na ampliação do uso da escrita e também da leitura. Para que haja compreensão e aproveitamento, é necessário observar essa linguagem de maneira que considere aspectos e características mais amplas em relação à visão da linguagem apenas como habilidade cognitiva instintiva na espécie humana, devido a sua distinção na maneira de manifestação.

Segundo Barton e Lee (2015, p. 31):

para a linguística e o estudo da linguagem de maneira mais ampla, um conjunto de conceitos estáveis desenvolvidos nas últimas décadas caiu por terra. A palavra “texto” é um exemplo. Antes de tudo, não se pode mais pensar em textos como relativamente fixos e estáveis. Eles estão mais fluídos com as virtualidades mutantes das novas mídias. Além disso, estão se tornando cada vez mais multimodais e interativos.

Essa interatividade e dinamicidade parecem ser as responsáveis pelas características peculiares da linguagem online. Contudo, não pretendemos dizer com isso que a linguagem online precisa de novos olhares por ser um fenômeno distinto da linguagem já conceituada no item 1.1 deste estudo, pelo contrário, nos ambientes online a linguagem também é responsável por mediar o processo de comunicação em que se identificam os componentes básicos, como emissor e receptor, porém, nesse contexto virtual, nem sempre esse processo acontece de maneira linear, já que podem ocorrer mudanças devido à possibilidade de interação por meio do texto.

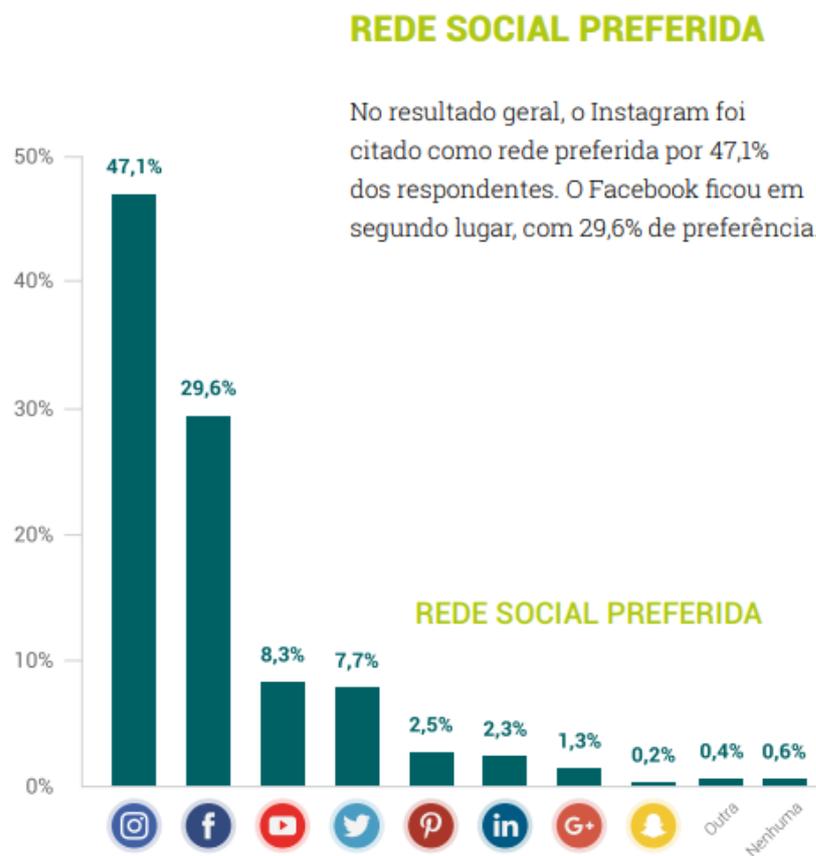
Por essa razão, um texto escrito em determinada situação e postado em uma rede social, por exemplo, terá possibilidade de ser lido, encaminhado e respondido por diversas pessoas, atingindo variados destinatários que poderão associar tal texto a outros, gerando links e referências capazes de ampliar a visão do texto inicial. A hodiernidade nos possibilita viver no modo *on* (conectados à rede) e no modo *off* (desconectados), e ambos possuem contextos que proporcionam aos usuários/falantes a criação de novas palavras, graças à vitalidade linguística, que acompanha as necessidades da sociedade, fazendo com que a linguagem também seja uma marca registrada do ambiente de convivência entre os falantes.

### 1.3 Redes sociais e comunidades de fala/prática

Como vimos até o momento, a tecnologia já faz parte do cotidiano e está cada vez mais integrada em diversas atividades do dia-a-dia das pessoas, como a leitura (de textos, de imagens, de mapas), anotações, pesquisas, entre outras, e essa realidade vem transformando a vida contemporânea em variados aspectos, trazendo mudanças nas práticas comunicativas decorrentes do uso da linguagem e a necessidade de um olhar abrangente a respeito do objeto de estudos da Sociolinguística, as comunidades de fala, quando relacionadas à noção de redes sociais.

Com o crescimento da utilização da internet, as redes de relacionamento, conhecidas como redes sociais, estão cada dia mais presentes no cotidiano da sociedade, por serem uma forma de fornecer informação, diversão e contatos interpessoais entre os usuários. De acordo com a pesquisa “Social MidiaTrends 2018”, realizada pela empresa de marketing digital Rock Content, com a participação de 1.730 brasileiros, o Facebook e o Instagram são as redes sociais preferidas entre a população pesquisada, conforme gráfico a seguir:

**Figura 1 - Redes sociais preferidas entre os brasileiros**



Fonte: Social Media Trends 2018. <sup>1</sup>

<sup>1</sup>Disponível em: <https://cdn2.hubspot.net/hubfs/355484/Ebooks%20MKTC/Social%20Media.pdf>

Nesse contexto, Gomes (2016) ao esclarecer sobre a definição de redes sociais, explica que “nós somos a rede”, pois o termo “rede” serve apenas como metáfora que expressa as relações entre seus atores, além disso, em sua visão, as redes sociais são caracterizadas por ações em ambientes de interação, fazendo com que os próprios atores sociais usuários das redes se tornem parte dela. Essa visão inicial de pessoas (atores) conectadas leva à visão geral de comunidades, compartilhando informações e interagindo por meio do uso da escrita, que, por conseguinte, sugere um olhar investigativo para analisar em que medida as redes sociais poderiam ser consideradas uma vertente das comunidades de fala, conectadas em rede.

Murano (2011, p. 28) argumenta que:

o texto da internet é, em geral, mais coloquial, menos “literário”, no sentido de ser mediado por truques de estilo. A internet não inventou a coloquialidade, mas fez com que ela passasse a soar mais natural para muito mais gente e, estatisticamente ao menos, virou um padrão.

Nesse sentido, desde a criação das redes sociais Facebook (em 2004) e Instagram (2010), a interação por meio de sites de relacionamento ganhou um aspecto mais popular, aproximando as pessoas por meio da linguagem visual e escrita que, muitas vezes, se mistura à linguagem oral, formando uma maneira singular de comunicação, motivo pelo qual essas foram as duas redes sociais escolhidas para extração do corpus desta pesquisa.

Essa realidade demonstra que o pertencimento social às redes sociais possibilita a cada falante desenvolver um papel sociolinguístico singular, pois a familiaridade trazida por tal meio de interação permite um diálogo mais fluído e não tão centrado em padrões gramaticais, tendo em vista que nas redes sociais, bem como nas comunidades de fala/prática, os usuários costumam manter contato com indivíduos com os quais possuem sentimento de proximidade, em situações que muitas vezes não requerem a demonstração de suas habilidades em relação à gramática normativa no que diz respeito à escrita.

É possível verificar também que a internet vem criando novos hábitos de comunicação entre as pessoas, tanto na leitura, como na escrita, considerando que palavras antes mais usadas em ambientes virtuais vêm se incorporando ao vocabulário padrão utilizado no cotidiano de muitos falantes.

A mudança/variação linguística, a renovação lexical e a inovação trazida pelos neologismos, proposta deste estudo, são ações inerentes à língua e acontecem de maneira natural em uma comunidade, porém o agente de onde partem tais ações é sempre o falante, independentemente da comunidade a que pertence.

Em vista disso, para esclarecer nossa indagação neste tópico, julgamos necessário retomar alguns conceitos a respeito das comunidades de fala. Iniciamos com Bloomfield (1926, p. 42) que trouxe a ideia de que a comunidade de fala “é um grupo de pessoas que interage por meio da fala”. Apesar de ampla e simples, tal concepção foi complementada por

Labov (1972, p. 188) ao expor que “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Na visão laboviana, o critério que define a comunidade de fala não é a maneira de usar a língua compartilhada entre seus membros, mais do que isso, haveria uma regularidade nas normas e atitudes partilhadas pelos falantes da língua, de maneira que, observa-se na teoria de Labov (1972) uma delimitação de comunidade de fala numa visão homogênea, já que, teoricamente, os membros deveriam partilhar as mesmas atitudes e avaliações a respeito da língua ou das variedades linguísticas.

Entretanto, a homogeneidade da comunidade de fala é questionada por Romaine (1980) (apud VANIN 2009, p. 149) ao citar que “em diferentes comunidades de fala, fatores sociais e linguísticos vinculam-se não apenas de diferentes formas, mas em ‘graus’ diferentes”, o que traz a ideia de que não existe uma homogeneidade, pois as atitudes partilhadas pelos falantes teriam base nas particularidades de cada indivíduo.

Severo (2008) também reforça esse posicionamento, pois acredita numa comunidade de fala heterogênea, levando em conta que seus membros circulam por diferentes grupos sociais e acrescentam diferentes noções de variação à comunidade.

Já Vanin (2009, p. 150) explica que:

por causa das particularidades dos indivíduos, da sociedade em que se inserem e até mesmo da própria língua é que alguns autores referem-se a dimensões mais delimitadas para o estudo da variação em Sociolinguística. Os objetos de estudo passariam a se concentrar, então, numa subdivisão da ‘comunidade’ em questão, direcionando a pesquisa para microníveis de análise, delimitando, dessa forma as noções de ‘redes sociais’ e de ‘comunidades de prática’.

Da mesma maneira, o conceito de redes sociais no sentido dos estudos sociolinguísticos a respeito de variação, estaria relacionado a uma rede de indivíduos em interação, engajados em relações sociais que abrangem dentre outros aspectos, inclusive o linguístico, o que se aproxima de nossa ideia de comparação entre as redes sociais e as comunidades de fala.

No entanto, Eckert e Ginet (2010, p. 102) nos trazem uma nova visão ao conceituar e explicar sobre as comunidades de prática, que:

podem ser grandes ou pequenas, intensas ou difusas; elas nascem e morrem, podem sobreviver a muitas mudanças de membros e podem estar intimamente articuladas a outras comunidades. As pessoas participam de múltiplas comunidades de prática, e a identidade individual é baseada nesta participação. Em lugar de conceber o indivíduo como uma entidade à parte, pairando sobre o espaço social, ou como um ponto em uma rede, ou como membro de um conjunto específico ou de um conjunto de grupos, ou como um amontoado de características sociais, precisamos enfocar as comunidades de prática. Tal foco possibilita-nos ver o indivíduo como agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática.

Para os autores, as comunidades de prática demonstram uma relação entre a língua e a identidade, já que os indivíduos têm a possibilidade de escolha em participar de múltiplas comunidades, agregando características linguísticas variadas, mas que podem ser compreendidas entre tais comunidades, demonstrando um caráter heterogêneo em que as análises não se centram apenas na comunidade como um todo, mas no grupo social, que pode ser variado.

Nesse entendimento, o conceito dos autores não nega as comunidades de fala, mas com o avanço das leituras, percebemos que delimita com maior objetividade o universo pesquisado (comunidades nas redes sociais), já que os participantes (seguidores) pertencem a diferentes grupos sociais e mesmo assim interagem e assimilam o conteúdo. Dessa forma, a ideia de comunidades de prática nos parece mais favorável à proposta deste estudo, já que se trata de uma visão mais objetiva para analisar os neologismos como recursos linguísticos que identificam um estilo de linguagem utilizado na página em questão, que, passamos então a considerar como uma comunidade de prática.

#### **1.4 O gênero digital meme**

Abordar o meme como gênero digital é, em primeira instância, reconhecer que o avanço tecnológico vivido hodiernamente exerce influência na realidade linguística a qual somos expostos. É comum encontrar resistência em relação à comunicação virtual por haver a crença de que a linguagem online é caótica e destituída de regras, porém apesar de observarem-se graus distintos de formalidade, os falantes são perfeitamente capazes de adequar os níveis de fala mesmo em ambientes virtuais, adaptando tipologias e gêneros.

Em Maciel e Takaki (2015, p. 53), os memes podem ser entendidos como “artefatos sociolinguístico-culturais online, os quais podem ser copiados, reeditados e disseminados com propósitos sociais definidos”. Nessa perspectiva, os memes trazem um conceito bastante abrangente relacionado sempre à replicação intencional de mídias, reproduzindo mensagens de maneira veloz, geralmente com fundo humorístico e associadas a situações cotidianas no espaço virtual, o que não significa que tenham um longo período de circulação, ao contrário, a efemeridade é, também, uma de suas características.

Recuero (2010, p. 123) explica que:

o conceito de meme foi cunhado por Richard Dawkins (2001), que discutia a cultura como produto da replicação de ideias, que ele chamou memes, em seu livro “O Gene Egoísta”, publicado em 1976. A partir de uma abordagem evolucionista, Dawkins compara a evolução cultural com a evolução genética, onde o meme é o “gene” da cultura, que se perpetua através de seus replicadores, as pessoas.

Apesar de parecer um vocábulo relativamente novo, o conceito de meme não é

algo tão recente. Recuero (2010) argumenta que o termo surgiu na obra do biólogo Richard Dawkins, em que o autor, amparado na teoria darwiniana da evolução natural, denomina meme como um par ligado ao termo cientificista “gene”. Enquanto o “gene” seria uma unidade de informação genética, o “meme” seria uma unidade de informação cultural e, da mesma forma que o “gene”, teria capacidade de replicação.

Nesse prisma, Souza Júnior (2015, p. 2) esclarece que:

Para Dawkins (1979, 1982) dizer que um meme é o gene da cultura implica conceber que uma ideia ou informação é replicada majoritariamente de maneira homogênea, tendo os cérebros – e somente eles – como seus únicos artefatos de transmissão. Por exemplo, computadores, textos ou palavras não teriam esse poder, conforme concepções do autor.

Essa capacidade de reprodução característica dos memes representa a essência comunicacional da linguagem de acordo com o teórico, pois quando diz que apenas os cérebros são artefatos de transmissão, pode-se apreender que o uso social da linguagem é que serve de suporte à reprodução memética.

Em se tratando de gêneros, cumpre ressaltar que os memes podem se encaixar na descrição de gêneros emergentes da tecnologia digital, que, conforme Marcuschi (2004, p. 13):

são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade quanto na escrita. Contudo, sequer se consolidaram, esses gêneros eletrônicos já provocam polêmicas quanto à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social. Isso porque os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som. Em certo sentido, pode-se dizer que, na atual *sociedade da informação*, a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo.

Verifica-se, nessa visão, a influência dos gêneros online na realidade linguística da população, pois para que haja compreensão da linguagem, é necessário que o “leitor” faça uma resignificação das palavras utilizadas, buscando uma leitura coerente que resulte na interpretação proposta pelo “escritor”, já que os memes possuem características próprias e exercem uma função social.

Ainda segundo Marcuschi (2004, p. 13):

pode-se dizer que parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir num só meio várias formas de expressão, tais como, texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados. A par disso, a rapidez da veiculação e sua flexibilidade linguística aceleram a penetração entre as demais práticas sociais.

Dessa maneira, notamos que os memes fazem parte dos gêneros textuais por terem a finalidade de produzir um efeito de sentido junto ao interlocutor e ao meio social em que estão inseridos, ratificando a teoria de Marcuschi (2004) a respeito dos gêneros textuais

emergentes no contexto da tecnologia digital, na qual afirma que, apesar de não serem totalmente inéditos, esses gêneros já causam impacto na linguagem e na vida social.

Os memes de internet estão relacionados ao conceito inicial proposto por Dawkins e atualmente podem ser imagens legendadas, vídeos e expressões textuais compartilhados no meio digital, porém um importante item que os caracterizam são as ideias por trás dessas mídias, o contexto a que são associados, pois essa construção linguística expressada nos memes exige uma tarefa do leitor, que precisa interpretar todas as esferas do que está sendo observado, tais como cores, tamanho e formato de letras, expressões faciais, além de exigir, muitas vezes, conhecimento das situações culturais, econômicas, políticas, entre outras, a respeito dos acontecimentos ao seu redor, pois só assim poderá haver compreensão das informações explícitas ou implícitas nos textos.

Recuero (2010) esclarece, ainda, o conceito de “miméticos” como memes com características diferenciadas. Segundo a autora:

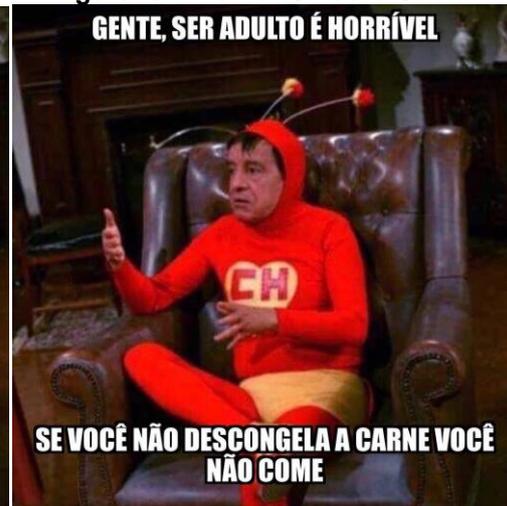
apesar de sofrerem mutações e recombinações, sua estrutura permanece a mesma e são facilmente referenciáveis como imitações. A essência do meme está na personalização, mantendo a essência e a ordem estabelecidas. Daí o nome mimético, pois são memes que mantêm a estrutura, mas adaptam-se ao espaço onde estão sendo divulgados. (RECUERO, 2010, p. 126)

Outrossim, mesmo havendo a possibilidade de personalização, a base do meme permanece inalterada, gerando uma grande quantidade de memes que podem se manifestar em forma de uma frase, reproduzida em diferentes contextos por imagem ou vídeo, ou ainda em postagens que trazem sempre a mesma imagem, alterando apenas o texto escrito, tornando-se facilmente reconhecíveis pela comunidade das redes sociais, como os exemplos a seguir:

Figura 2 – Meme “Sincero Oficial” 1



Figura 3 – Meme “Sincero Oficial” 2



Fonte: Museu dos Memes. Outubro de 2019<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/tag/chapolin-sincero/>

Figura 4 – Meme “Por que você não amadurece?”<sup>1</sup>

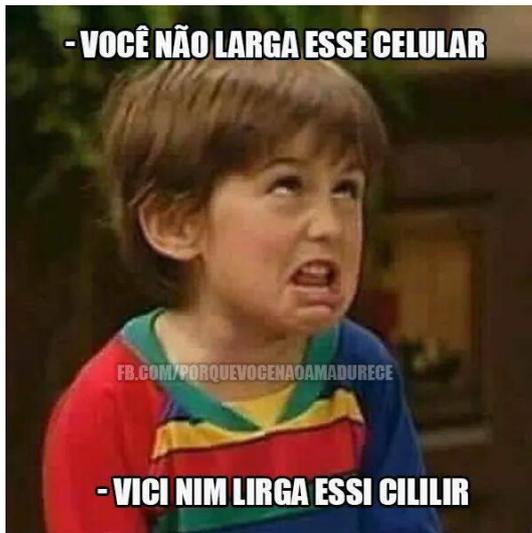


Figura 5 – Meme “Por que você não amadurece?”<sup>2</sup>



Fonte: Museu dos Memes. Outubro de 2019.<sup>3</sup>

Nesse contexto, Candido e Gomes (2015) destacam a simplicidade do gênero meme ao explicarem que podem ser produzidos com programas comuns de edição e linguagem simples, pois o objetivo não é a produção de arte em si, mas transmitir informação e provocar a comunicação, utilizando-se para isso da comicidade.

O meme adequa-se, também, na teoria de Bakhtin (1994) em relação à construção discursiva, pois sua compreensão depende da interação social entre interlocutores, intenções e finalidades, que geralmente são de fundo sático ou humorístico. Ademais, a subjetividade e as escolhas linguísticas desse gênero também serão influenciadas pela enunciação ou discurso.

No momento atual, um dos fatores que mais exercem influência sobre a língua é a comunicação virtual e, mais especificamente, a comunicação via redes sociais. De acordo com Alves (2007, p. 6):

sendo a língua um patrimônio de toda uma comunidade linguística, a todos os membros dessa sociedade é facultado o direito de criatividade léxica. No entanto, é através dos meios de comunicação de massa e de obras literárias que os neologismos recém-criados têm a oportunidade de serem conhecidos e, eventualmente, de serem difundidos.

Do ponto de vista lexical, na linguagem utilizada nos memes, destaca-se a possibilidade de ocorrência de neologismos, por se tratar de um contexto informal em que os usuários não estão tão preocupados em cumprir as exigências da gramática normativa, o que facilita o aparecimento de formas não-usuais de escrita. Ademais, por serem uma maneira inovadora de interação, despertam interesse no ambiente digital, chamando atenção dos mais diferentes falantes, promovendo uma mistura entre a fala e a escrita nos mais diferentes formatos, mesmo que por um curto período de tempo em circulação.

<sup>3</sup> Disponível em <http://www.museudememes.com.br/sermons/por-que-voce-nao-amadurece/>

Esse meio eletrônico contemporâneo possibilita a utilização de novos vocábulos na comunicação, que se formam na medida em que se convencionam novos usos sociais para a língua, dando origem, também, a novas palavras, que podem se estruturar em regras da língua, ou no uso de palavras preexistentes aplicadas em novos contextos. Esses processos de formação de palavras serão explicados adiante, com especial atenção aos neologismos, objeto do presente estudo.

A efemeridade dos memes online demonstra a rapidez das informações nos ambientes virtuais e, embora essa velocidade seja enorme, não é descartada a hipótese de um meme ter seu uso retomado em novas situações e diferentes contextos com o passar do tempo, bem como acontece com as palavras que caíram em desuso, mas podem ressurgir na língua demonstrando novas perspectivas de entendimento.

Por hora, o que podemos perceber é que os memes parecem ser um campo produtivo nas pesquisas de neologismos, centro nos nossos interesses investigativos, já que não se situam especificamente no universo gramatical da língua, mas no campo social em que são utilizados com finalidade de produção de sentido de algum modo. Logo, o objeto da presente pesquisa é fruto de uma construção que se configura pela interação entre membros no espaço virtual onde as comunidades de prática se constituem.

### **1.5 Definições de léxico**

A priori, é inegável o efeito de dinamicidade do léxico, pois, por fazer parte do sistema linguístico, sofre diversas modificações que podem resultar em mudanças sociais. Nessa perspectiva, Saussure (2006) já descrevia a língua como parte de uma instituição social regida por um sistema de signos capazes de exprimir ideias. É nesse sistema de signos que está inserido o nível lexical de um sistema linguístico.

De acordo com Biderman (2001, p. 13) o léxico de uma língua “se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente”. Conforme a autora, ao conhecer o universo, o homem necessita, de alguma forma, nomear a realidade que o cerca, para isso faz separação por grupos, procurando identificar semelhanças ou distinções que possam discriminar seres e objetos, visando organizar formas de nomeá-los. Esse processo de nomeação é que dá origem ao léxico. Ainda segundo Biderman (2001, p. 13) “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”. Esses sistemas de classificação desenvolvidos pelo homem é que tornam possível a associação de conceitos a palavras que conseguem simbolizar suas ideias, os chamados signos linguísticos.

Costa (2002, p. 45) destaca a relação cultural que o léxico assume na linguagem:

o léxico e a cultura possuem estreita ligação. O primeiro recorta a realidade de mundo, constrói o universo de conhecimento, produzindo, descrevendo, definindo e designando situações de vida social, cultural e ideológica, uma vez que, o léxico aparece associado à interação e à produção da linguagem humana. [...]O segundo elemento - a cultura - estabelece conexão com a história do homem, construindo-se no seu fazer.

Tal relação revela o caráter social da linguagem, que permite a troca de informações a respeito das mais diversas situações por meio de escolhas vocabulares organizadas em torno de uma unidade lexical, representando a realidade de uma língua.

Para Correia e Almeida (2012, p. 15) o léxico pode ser conceituado como “conjunto virtual de todas as palavras de uma língua, isto é, o conjunto de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta os processos de formação de palavras disponíveis. Essa noção pode parecer simples, mas carrega um problema maior que é a dificuldade em quantificar o léxico, já que as palavras podem se ajustar em infinitas combinações e seriam necessários critérios complementares ao estudo do significado lexical, já que nem os dicionários mais completos poderiam dar conta de todas as palavras de uma língua.

Basilio (2013, p.7), também tem visão semelhante a respeito do léxico e o define como “o conjunto de palavras de uma língua. Na lexicologia clássica, o estudo do léxico tem por objetivo o maior conhecimento possível das características e propriedades de cada palavra, no presente e no passado”. Nessa visão, admite-se a necessidade de entender o modo como as palavras surgem e são inseridas no sistema linguístico, por isso estudos que se dedicam à análise, compreensão e estrutura das palavras, fazem parte do campo da lexicologia.

As disciplinas tradicionais que estudam o léxico são a lexicografia e a lexicologia, de acordo com Oliveira e Isquerdo (2001). A lexicografia analisa a significação das palavras, por isso é chamada de “ciência dos dicionários”. Já a lexicologia está mais relacionada à presente pesquisa, pois é a ciência que tem por objeto básico de estudo e análise a palavra, além da estrutura e categorização do léxico.

Costa (2002, p. 47) explica que “a lexicologia trata dos problemas teóricos que determinam o estudo científico do léxico e a lexicografia volta-se para a elaboração de dicionários, descrevendo a língua, tendo comum objeto o vocábulo”. Notamos, pois, que a lexicologia é a ciência que se relaciona aos estudos vocabulares, capaz de analisar os itens lexicais a fim de lhes atribuir sentido.

Como campo de estudos, a lexicologia busca analisar a palavra, sua categoria (classificação gramatical) e estrutura lexical. Buscando atingir essa finalidade procura interpretar as unidades lexicais, com auxílio das diferentes áreas da linguística. Desse

modo, Biderman (2001) expõe que, em virtude disso, a lexicologia tem se apoiado em áreas como a morfologia, na investigação da formação de palavras, a semântica, na análise dos aspectos de significação da palavra, e também nos estudos da criação lexical, abrangendo os neologismos.

A teórica destaca que o léxico tem se ampliado em decorrência de mudanças sociais, políticas e históricas, da crescente união de culturas e dos povos, além da influência dos novos meios de comunicação. É nesse contexto que a lexicologia se aproxima da sociolinguística, ao examinar as idiosincrasias em dados sistemas sociais que podem intervir na interação dentro do sistema linguístico com a criação de palavras.

Nessa perspectiva, Basilio (2013) também define o léxico em comparação à língua. De acordo com esse conceito, a finalidade da existência das línguas é para que possa haver comunicação, da qual fazem parte o mundo e que tudo nele se integra. Logo, ao nos comunicarmos é necessário, inicialmente, identificar sobre o que queremos falar para que possamos nos expressar. Essa ordem nos permite compreender a língua como um sistema de classificação e comunicação.

Na visão de Oliveira e Isquierdo (2001, p. 9)

o léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade.

Percebemos a ligação do léxico com os ideais partilhados em comunidades de falantes de uma língua, pois o universo lexical de um grupo pode demonstrar sua perspectiva das situações que os cercam, na medida em que unidades lexicais partilhadas podem ser utilizadas para nomear as “coisas” da maneira que a comunidade as enxerga, sendo que, nesse sentido, o termo “unidade lexical” não é considerado sinônimo de palavra, e sim define um conceito mais abrangente ao se referir às palavras de uma língua, representando sequências que podem ser menores que uma palavra, mas que do mesmo modo são portadoras de sentido e possuem significação, como os afixos, por exemplo.

Basilio (2013, p. 9) sobre o léxico ressalta ainda que:

não é apenas um conjunto de palavras. Como sistema dinâmico, apresenta estruturas a serem utilizadas em sua expansão. Essas estruturas, os processos de formação de palavras, permitem a formação de novas unidades no léxico como um todo e também a aquisição de palavras novas por parte de cada falante.

Segundo a autora, o léxico não pode ser visto apenas como um grupo de palavras, pois dele faz parte o entendimento em relação à nomeação de coisas, situações, lugares, além de ser o responsável pelo fornecimento de componentes que possibilitam a construção

de enunciados. Ele contém as regras necessárias para estruturação e por isso é possível formar palavras novas.

Dessa maneira, Borba (2003, p. 81) explica que “o léxico é aquilo que faz a conexão entre a abstração da língua e a realidade em si, de modo que fisionomiza a cultura”, ou seja, o léxico é o instrumento de que dispõe o ser humano com a capacidade de concretizar o conceito de uma ideia abstrata e colocar seu entendimento em circulação no grupo.

A respeito dos estudos do léxico, Henriques (2018, p. 12) relata:

numa explicação bem simples, podemos dizer que há dois tipos de léxicos: um deles se refere a um determinado estado de língua, composto pelas palavras que são compartilhadas por todos os usuários, parecendo uma espécie de intersecção dos usos individuais cotidianos (é o LÉXICO COMUM); o outro comporta todas as palavras empregadas pelos usuários de determinada língua, independentemente de serem compartilhadas entre eles (é o LÉXICO TOTAL).

Por conseguinte, o léxico pode ser compartilhado dentro de comunidades de fala e entre comunidades também, já que é algo muito rico e dinâmico e dele fazem parte todas as palavras criadas na língua, desde as preposições até os neologismos e gírias. Por isso, ao analisar esse conceito, precisamos ter em mente que, na prática, essa criação de palavras não segue, obrigatoriamente, regras determinadas da língua, pois como a construção acontece a partir dos falantes, são seus conhecimentos que servirão de “guia” no surgimento de palavras e se houver consenso no uso de determinada forma, ela se tornará possível na língua.

Basilio (2013) também faz uma divisão do léxico em dois, aos quais nomeia de léxico externo e léxico mental. Para a autora, ao tratarmos o léxico como o conjunto de palavras de uma língua, estamos nos referindo ao léxico externo, que seria o conjunto de palavras que aparecem nos enunciados de determinada língua, que também pode estar representado nos dicionários. Já o léxico mental, ou interno, diz respeito não apenas às palavras conhecidas por um falante, mas também o conhecimento das estruturas que podem ser usadas na construção de novas palavras. Nesse entendimento, o léxico interno é, conseqüentemente, formado por uma série de formas já estabelecidas e um conjunto de padrões, que representam os processos de formação de palavras, responsáveis por determinar a estrutura tanto de formas já existentes como de formas ainda não criadas.

De acordo com Villalva e Silvestre (2017, p. 23):

no léxico, mais do que em qualquer outro domínio da gramática, não é o conceito de erro aquele que melhor serve para avaliar o estatuto das palavras na língua e no seu uso. Assim, a descrição do léxico de uma língua pode cobrir realidades bastante diferentes, incluindo ou excluindo a oralidade, registros discursivos mais ou menos prestigiados, ou diferentes delimitações temporais. O léxico de uma língua é, pois, uma entidade abstrata que se obtém por acumulação: as palavras em uso por cada falante, no seio de uma dada comunidade de falantes, juntam-se as palavras

em uso por outras comunidades linguísticas falantes da mesma língua; aos dados da escrita, unem-se os da oralidade, quando é possível apreendê-la, dada a muito maior fluidez da oralidade face à escrita.

Isto posto, notamos que tentar compreender o léxico de uma língua com base na realidade lexical dos falantes implica ter a noção de que o léxico de cada falante pode variar de acordo com os estímulos linguísticos aos quais foi exposto, podendo sofrer influências externas conforme as experiências individuais de cada um em sua participação na comunidade. Tal situação nos permite observar que os saberes linguísticos são cumulativos, pois podem ser enriquecidos na medida em que o uso e conhecimento lexical da língua são mais explorados, sendo que o léxico de uma determinada comunidade vai juntando-se ao de outras, gerando sempre novas opções de escolhas vocabulares.

No que diz respeito à relação do léxico com as mudanças ocorridas na língua, Preti (2003, p. 55) explica um fenômeno que acontece em nosso tempo sem que “uma dinâmica natural da sociedade gera uma contínua transformação dos costumes e, portanto, também, da língua. O léxico, parte da língua mais sensível às transformações, em que as palavras surgem e se obsoletizam rapidamente, revela bem esse processo”, por isso, percebemos a dinâmica lexical relacionada ao uso da língua. O autor explica, ainda, que nesse processo de renovação algumas palavras ganham ou perdem prestígio de forma rápida, pois novos gêneros textuais surgem e cada um possui maior ou menor influência da linguagem oral, o que faz com que determinados vocábulos tenham maior ocorrência em ambientes específicos. No caso desta pesquisa, podemos relacionar esse fenômeno aos neologismos usados em ambientes virtuais e redes sociais, que são mais utilizados por determinados grupos e em situações mais informais de interação, o que pode estar relacionado, também, ao nível de prestígio social dessas palavras.

Por consequência, percebemos que o léxico é diretamente influenciado pelos conhecimentos e realidade dos falantes de cada comunidade, já que são eles os responsáveis por manter o sistema linguístico em constante evolução, evidenciando que a heterogeneidade da língua acaba se relacionando com a forma como o léxico é utilizado, assunto que será abordado no tópico a seguir.

## **1.6 A heterogeneidade linguística representada no léxico**

Analisar o funcionamento da língua enquanto fenômeno social e sua relação com a sociedade faz parte do campo de estudos da sociolinguística, por isso essa ciência se baseia na ideia de que o contexto sociocultural pode interferir na ocorrência de fatos linguísticos.

Costa (2002, p. 45) esclarece que o léxico “constitui-se, como um depósito onde os falantes retiram e selecionam as palavras a fim de expressar suas ideias e exprimir suas emoções, moldando seu estilo, de acordo com a relação entre falante e ouvinte. Podemos dizer, portanto, que o léxico é heterogêneo e complexo”. Nessa visão, a heterogeneidade é evidenciada na língua quando abordamos os vários formatos de construção possíveis a partir do léxico, por seu caráter distinto e não uniforme.

Nesse sentido, Biderman (2005, p. 747) explica que “o léxico de uma língua inclui unidades muito heterogêneas - desde monossílabos e vocábulos simples até sequências complexas formadas de vários vocábulos e mesmo frases inteiras”. A diversidade de criações lexicais e de neologismos é parte de um processo heterogêneo da língua nas formas de ampliação lexical e construção de novos vocábulos, sendo esse um acontecimento influenciado por contextos sociais, históricos e culturais que são marcas evidentes da relação com a sociolinguística.

De acordo com Carvalho (2012b, p. 20) as mudanças sociais propiciam o surgimento dos neologismos e “a sociolinguística tem procurado examinar as relações que se instituem entre as estruturas sociais e o funcionamento do código linguístico”. Esse processo de criação de novas palavras está relacionado à sociolinguística, tendo em vista que as alterações ocorridas são motivadas por fatores sociais e acontecem na língua atendendo às necessidades de comunicação dos falantes (BUENO e SILVA, 2012).

Basilio (2013) relaciona o léxico à dupla função da língua, que pode servir tanto como sistema de classificação, por ser uma forma de identificar e designar as coisas das quais queremos falar, como sistema de comunicação, por permitir a expressão e troca de informações entre pessoas. Segundo a teórica:

o léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados. (BASILIO 2013, p. 9)

Do mesmo modo, as palavras são o resultado da nossa necessidade de comunicação e se reúnem formando o léxico de uma língua. O léxico torna possível sua organização, permitindo a reordenação e reagrupamento criando os enunciados que representam unidades maiores de designação, por isso a autora diz que o léxico é “ecologicamente correto”, pois podemos formar novas combinações por meio desse grande banco de dados, ou seja, material que já temos disponível. Como dito anteriormente, esse sistema de reciclagem faz com que não fiquemos dependentes apenas do uso da memória, garantindo que a comunicação aconteça de maneira automática.

A capacidade de movimentação da língua, nessa perspectiva, pode ser compreendida a partir da teoria de Carvalho (2012a) em que a autora divide a língua em vocabulário ativo e passivo. No primeiro situam-se os vocábulos que possuem algum significado lexical e fazem parte da língua real, isto é, vocábulos já criados e em circulação. Já no vocabulário passivo estão as palavras ainda não usadas em determinada comunidade, mas que podem ser utilizadas em alguma situação. Há, ainda, o vocabulário potencial, no qual o vocábulo ainda não existe, pois não foi formado, mas pode ser criado a qualquer momento, pois possui condições de produção. Os vocábulos, quando passam a existir e serem utilizados na comunidade, são capazes de movimentar o léxico, pois por mais que não se note, frequentemente novas unidades lexicais são inseridas em nosso cotidiano, de diferentes maneiras, desde conversas informais a textos jornalísticos ou literários, por exemplo. A evolução lexical constante da língua é que a mantém viva.

A potencialidade garante a renovação lexical, pois a formação de palavras possui regras capazes de criar amplas possibilidades de formação de novas unidades lexicais, o que significa dizer que existem muitas “palavras em potência”, isto é, que não foram ainda formadas, mas possuem potencial de formação no sistema linguístico.

Conforme Carvalho (2002, p. 31) o léxico “é como uma galáxia, vive em expansão permanente por incorporar as experiências pessoais e sociais da comunidade que a fala”. Analisado dessa forma, o léxico se mostra, mais uma vez, heterogêneo e passível de desenvolvimento contínuo, pois novas unidades lexicais podem se formar a qualquer momento por processos já conhecidos. Isto posto, Carvalho (2002, p. 33) ainda acrescenta que “o léxico vai sendo enriquecido com formações novas, na maioria calcadas em palavras previamente existentes, e que, dentro de uma abordagem gerativista, fazem parte da competência do falante”, o que demonstra a relação ativa existente entre a potencialidade que gera o dinamismo e a heterogeneidade da língua no léxico.

Basilio (1998) explica que o léxico apresenta uma estrutura subjacente definida, sendo organizada de acordo com padrões de diferentes tipos. Isso se dá pelo fato de o sistema linguístico dispor de regras para a formação de palavras que permitem a criação de novas unidades lexicais a todo o momento, além disso, essa ampliação das línguas pode ocorrer de diferentes maneiras. O léxico pode importar termos estrangeiros, um vocábulo já existente no sistema lexical pode adquirir um significado diferente, e podem ainda se formarem novas palavras pela combinação de morfemas já existentes na língua. A situação comunicacional em que estiverem inseridos os indivíduos é que decidirá a escolha mais adequada.

Por conseguinte, percebemos que os neologismos são capazes de comprovar essa pluralidade da língua e retratar a sociedade em determinado momento, de acordo com a utilização da língua, logo, as redes sociais parecem ser convenientes e pertinentes no

processo de análise do sistema linguístico atual em relação ao uso de neologismos, como veremos adiante.

### 1.7 O estudo da palavra

As palavras são os recursos de que dispomos ao formarmos sentenças e seguem padrões de criação e estrutura, os quais são elucidados pelos processos de formação, que se aplicam tanto em novas palavras criadas como nas já conhecidas na língua. Uma palavra nova é formada sempre que as já existentes não são capazes de nomear algo que se queira expressar na comunicação. Isso acontece de maneira recorrente, do mesmo modo que palavras são criadas, outras caem em desuso pelo motivo contrário, pois seu significado se torna insuficiente e não pode mais designar o que antes nomeava. Esse processo é que garante a renovação lexical.

Basilio (1998, p. 5) pontua que “quase sempre fazemos uso automático das palavras, sem parar muito para pensar nelas. E não nos damos conta de que muitas vezes estas unidades não estavam disponíveis para uso e foram formadas por nós mesmos, exatamente hora em que a necessidade apareceu”. Na concepção da autora esse processo automático faz com que algumas palavras não conhecidas sejam compreendidas de forma natural durante uma leitura, pois já estamos familiarizados com a estrutura de sua formação, como ocorre com os advérbios formados com o sufixo *-mente* acrescentado a um adjetivo. O cérebro pode conhecer a palavra *sinuosa*, mas nunca ter ouvido a palavra *sinuosamente*, e mesmo assim conseguir absorver o significado da nova palavra pelo contexto e pelo conhecimento da estrutura de formação da palavra.

Partindo desse princípio, Correia e Almeida (2012, p. 14) expõem que “verificamos com facilidade que qualquer falante do português cria palavras no seu discurso que, provavelmente, nunca tinham sido emitidas nem ouvidas, mas que o interlocutor é capaz de entender, porque recorre à sua competência linguística”, por isso, essas palavras possíveis podem ser reconhecidas com base no contexto de utilização permitindo que se possa depreender seu significado.

Para conhecer a maneira como ocorrem os processos de formação, é preciso, inicialmente, observar alguns aspectos específicos a respeito da palavra, buscando analisar suas definições e possíveis conflitos de identificação.

De maneira geral, entendemos por palavra uma unidade lexical da língua que aparece nos dicionários com atribuição de significados e escrita registrada de acordo com as normas ortográficas vigentes, de modo que parece haver um conhecimento internalizado a respeito do que se considera ou não uma palavra. Não obstante, o falante demonstra ser

capaz de identificar, de forma intuitiva, que determinada unidade corresponde a uma palavra de sua língua, porém a definição científica desse item é algo mais complexo.

Correia e Almeida (2012, p. 106) conceituam palavra como “sequência de sons ou de caracteres a qual atribuímos de forma estável, no âmbito de uma comunidade linguística, um significado ou conjunto de significados que pertence a uma classe de palavras e tem um determinado padrão flexional”, dessa maneira, a palavra pode exercer uma função sintática no enunciado em que estiver inserida, de acordo com regras preestabelecidas.

Conforme Tetani, (2008, p. 233) “a palavra escrita não é uma noção de fácil aquisição e, possivelmente, os limites do que seja palavra para o falante não coincidem, em muitos casos, com os limites da palavra escrita”. Observa-se que a noção de palavra aparece, nesse caso, atrelada à escrita, portanto, se determinado item estiver escrito de maneira considerada correta, seria, por consequência, uma palavra, mas se estiver escrito de modo irreconhecível, poderia causar confusão aos olhos do falante.

Para responder ao questionamento “O que é a palavra?”, Basilio (2013) expõe considerações que levam à reflexão sob diferentes pontos de vista, por isso abordamos suas pontuações a fim de ampliar a compreensão a respeito do estudo da palavra, antes de conhecer seus processos de formação.

A autora inicia explicando que, graficamente, a palavra pode ser definida como uma sequência de caracteres que formam um som reconhecido na língua. Por esse critério, poderíamos analisar as seguintes frases:

- (1) Sandra saiu agora
- (2) Sãdrsauaga

No primeiro exemplo três palavras seriam facilmente compreendidas pelos falantes da língua portuguesa, já no segundo não seria considerada uma sequência de palavras.

A teórica, nesse caso, relaciona a palavra ao dicionário, pois, em outra visão, as palavras da língua se definem como aquelas que aparecem registradas nos dicionários. Porém, em sua opinião, essa afirmação não é tão simples quanto parece, já que os dicionários só podem listar as palavras que permanecem na língua, ou seja, depois de estarem já há algum tempo em circulação, por conseguinte sempre haverá uma defasagem em relação à realidade das palavras.

Os neologismos não podem ser considerados palavras, visto que, mesmo usuais entre os falantes, não são dicionarizados. Por outro lado, palavras registradas nos dicionários, mas que já caíram em desuso, mesmo não sendo reconhecidas pelos falantes atuais, teriam o status de palavra.

Do ponto de vista estrutural, morfologicamente, a palavra é uma construção específica, pois seus elementos possuem uma ordem fixa, ligados uns aos outros sem admitir alterações de posição. Nos exemplos a seguir, temos palavras no primeiro, mas não no segundo:

(3) bate-papo, ajeitado, dissertação

(4) bate-muito-papo, ajeitonado, çãodisserta

As flexões são outra importante característica na análise das palavras, pois são responsáveis por fazer com que uma mesma palavra possa apresentar diferentes formas, como explica Basilio (2013). No exemplo (5) são apresentados quatro formatos do verbo arrumar, considerados cada um como uma palavra, se tomarmos como base a flexão em um enunciado:

(5) arrumou – arrumei – arrumaram – arrumará

Vejamos agora o exemplo (6):

(6) a. Maria arrumou a mala.

b. Eu arrumei a mala.

c. Eles arrumaram a mala.

d. Maria arrumará a mala.

Em (6) cada frase emprega uma forma do verbo arrumar, por isso, os exemplos (5) e (6) nos mostram duas maneiras diferentes de enxergar a palavra. De acordo com Basilio (2013, p. 14) “um dos enfoques que temos para palavra é o de “unidades de que se compõe o enunciado”. Outro enfoque é o que considera palavra como “uma unidade estrutural que congrega diversas formas”. Nesse entendimento, teríamos em (5) um exemplo do primeiro enfoque, ou seja, analisadas de forma isolada no enunciado cada unidade seria uma palavra. Em (6) consideraríamos o verbo ‘arrumar’ como uma palavra, as demais flexões estariam ligadas à ‘palavra-base’, sendo diferentes formas de conjugação da unidade estrutural, ou seja, da mesma palavra.

Outra maneira de verificar as possíveis variações na forma da palavra é analisá-la como unidade formal ou como unidade lexical, que seriam as distinções entre vocábulo e lexema, respectivamente. Em Basilio (2013, p.15) vemos que “vocábulos que não apresentam significado lexical não são considerados lexemas: são os vocábulos gramaticais, tais como preposições, conjunções e verbos auxiliares”. Dessa forma, a palavra

como unidade lexical é chamada de lexema e vocábulos seriam as formas flexionadas de um verbo, por exemplo.

No estudo da palavra, também nos deparamos com a questão da homonímia e polissemia. Geralmente a palavra possui significação, mas pode acontecer de uma mesma palavra aparecer em contextos diferentes e ter significados relacionados entre si, situação a que denominamos polissemia. Entretanto, quando a mesma palavra aparece em contextos diferentes com significados distintos, acontece a homonímia.

Existe, ainda, uma problemática na questão do ponto de vista interpretativo. Basilio (2013) cita o exemplo da palavra *manga*, que pode ser “de camisa” ou uma “fruta”, nessa situação temos um caso típico de homonímia, porém no exemplo da palavra “modelo” essa clareza não é tão evidente, pois se for considerada como “coisa ou pessoa em cuja reprodução estética o artista trabalha” poderia aparecer no gênero masculino ou feminino, já se for considerada como “coisa ou pessoa que serve de imagem, forma ou padrão a ser imitado”, teria gênero único.

Como pontua Basilio (2013, p. 15) “a diferença de comportamento em gênero nos levaria a considerar *modelo* nos dois casos como constituindo uma situação de homonímia. No entanto, a relação de significado sugere a situação de polissemia”. Esse exemplo demonstra a dificuldade de decisões conclusivas na área, o que também gera dificuldades na tentativa de definir o conceito de palavra.

No que diz respeito à fonologia, a autora também apresenta uma visão de palavra entendida como unidade fonológica, já que poderia ser uma sequência fônica que acontece entre intervalos ou baseada em um padrão de tonicidade e duração. Esse lado fonológico da palavra é conceituado como vocábulo fonológico.

Uma importante distinção a ser também considerada no estudo da palavra é em relação aos clíticos. Basilio (2013, p. 16) explica que “dá-se o nome de clíticos a unidades que se agregam a uma palavra fonologicamente, sem fazer parte dela do ponto de vista morfológico”. Seria o caso dos artigos e pronomes pessoais. Na visão da autora, aí se situa outro problema, pois a palavra é formada por uma parte considerada rígida e os chamados pronomes clíticos são fonologicamente parte da palavra, mas admitem mudança de posição, como em “viu-me/me viu”, o que também leva à dificuldade de delimitação da palavra. Essa mesma dificuldade é atribuída às locuções, pois também apresentam unidades usadas em conjunto.

Basilio (2013) também mostra que a palavra entendida como forma livre mínima e como forma dependente igualmente gera divergências de compreensão. Como forma livre entende-se aquela que constitui um enunciado sozinha, não necessitando de afixos, por exemplo, considerados formas dependentes, porém nessa análise as frases também seriam formas livres que se dividem em unidades menores e as palavras deveriam ser as formas

livres mínimas, no entanto, se analisarmos as palavras compostas, essa visão não se sustenta, já que a palavra como forma livre mínima não poderia ser subdividida.

De acordo com a autora, além dessas situações, outros casos geram impasses na conceituação de palavra:

dentre eles, a questão das palavras compostas, da classificação das formas que expressam grau, a colocação do particípio passado como parte da conjugação verbal ou como um adjetivo derivado do verbo, os nomes pátrios e os nomes das cores, que podem ser sistematicamente usados em classes diferentes, a situação de nomes próprios de cidades e instituições, e assim por diante. (BASILIO 2013, p. 17)

Apesar de tais divergências, a diversidade, complexidade e a ausência de rigidez nos conceitos definidores da palavra é que tornam o sistema de comunicação mais flexível e facilitam a utilização das palavras no cotidiano, pois definições exatas podem até facilitar a descrição, porém são mais limitadas na prática.

Entendemos, portanto, que a palavra, enquanto unidade lexical com significação que pode ou não ser constituída por mais de um elemento é uma forma fundamental e básica no sistema de comunicação de uma língua, que nos permite formular enunciados e movimentar o léxico, promovendo interação entre os falantes de uma comunidade.

Sendo assim, pontuadas essas explicações essenciais, podemos investigar como se formam as palavras dentro da língua portuguesa, assunto abordado no próximo tópico.

## **1.8 Processos de formação de palavras na língua portuguesa**

Em nosso dia-a-dia nos deparamos com diversas situações em que surgem novos objetos, circunstâncias, contextos, entre outros, que necessitam de nomenclaturas específicas, o que favorece a expansão do léxico. Mas qual seria a maneira de nomear todas essas situações? O falante simplesmente inventa uma forma inédita sem fundamento algum e sai utilizando a “nova palavra”? O estudo do léxico da língua nos fornece essas respostas. Como vimos, não é qualquer construção lexical que pode ser considerada uma palavra. Para que ocorra essa expansão existem os processos de formação de palavras, que fornecem o suporte necessário ao falante na criação de novas unidades lexicais, por isso temos no léxico as palavras já dominadas pelos falantes e os padrões de estrutura, que possibilitam a compreensão e criação de novas formas.

Conforme exposto, os processos de formação de palavras denominam esse conjunto de padrões gerais que têm a função de determinar as estruturas e suas funções. Para Basilio (1998, p. 10):

a razão básica de formarmos palavras é a de que seria muito difícil para nossa memória - além de pouco prático - captar e guardar formas diferentes para cada necessidade que nós temos de usar palavras em diferentes contextos e situações. Em última análise, a razão por que formamos palavras é a mesma razão por que formamos frases: o mecanismo da

língua sempre procura atingir o máximo de eficiência, o que se traduz num máximo de flexibilidade em termos de expressão simultaneamente a um mínimo de elementos estocados na memória. É essa flexibilidade que nos permite contar com um número gigantesco de elementos básicos de comunicação sem termos que sobrecarregar a memória com esses mesmos elementos.

Para a língua, como sistema de comunicação, demonstrar eficiência, ela não pode ter um número demasiadamente grande de palavras completamente diferentes umas das outras em seu vocabulário básico, motivo pelo qual existem os processos de formação de palavras, que compõem novos vocábulos semanticamente próximos em relação à palavra-base, para que não precisemos guardar um número infinito de palavras diferentes, o que tornaria mais difícil o armazenamento na memória.

O insumo utilizado nessa formação é, na maioria das vezes, composto por elementos já existentes no sistema linguístico, para que os falantes possam utilizar a estrutura dos vocábulos já existentes na formação de outros. Tal ação permite que seja minimizado o esforço da memória e se mantenha a comunicação de maneira automática.

Entretanto, Kehdi (1997, p. 7) comenta que “o acervo lexical da língua portuguesa é constituído de uma grande maioria de palavras herdadas do latim, às quais se acrescentaram palavras de outras origens”, demonstrando que nem só de acervo da própria língua se formam palavras, já que pode haver apropriação de elementos de línguas diversas, em especial, do latim.

Basilio (1998) explica, ainda, que os elementos que constituem as palavras são formados pelos morfemas, unidades mínimas portadoras de significação, sendo que há dois tipos básicos de morfemas: os afixos e a raiz. A raiz é utilizada para formar a base de uma palavra e os elementos a ela acrescentados são os afixos, que podem ser colocados antes da palavra-base (nesse caso recebem o nome de prefixos) ou depois dela (chamados de sufixos). Na definição da autora essa base seria “o elemento que constitui o núcleo de uma construção morfológica; forma sobre a qual um processo atua para a formação de uma palavra” (BASILIO, 1998, p.90).

Consequentemente, as palavras-base podem se apresentar de duas maneiras. Rocha (2008) esclarece a respeito desses tipos, chamados de “base livre”, as que sozinhas já representam palavras da língua, como *jornal*, *contente* e *parafuso*, e “base presa”, sendo aquelas que sozinhas não possuem significação, ou seja, só existem se estiverem ligadas a outras bases, como os radicais gregos e latinos: *filo-*, *clepto-*, *-logia*, entre outros. Dependendo de sua posição na formação da palavra, as bases presas podem ser de dois tipos: elemento antepositivo, quando se encontram como primeira base, ou elemento opositivo, quando aparecerem como segunda base. Algumas palavras podem ser resultado da combinação de uma base a mais de um elemento (afixos). A função morfológica da base

recebe o nome de radical e se esse radical aparecer seguido de vogal temática, ocorre o tema.

A respeito da formação de palavras no contexto virtual, Santos (2013, p. 25) elucida:

tem-se um uso mais flexível da língua que permite, com mais dinamismo e instantaneidade, a utilização de associações e criações lexicais que se mostram como novas palavras, sejam essas inovadoras na grafia, no sentido, na sintaxe ou até mesmo no idioma, haja vista que é comum também a utilização de muitas palavras estrangeiras ou mesmo aportuguesadas nessas redes.

Além dos processos de formação de palavras com base nas que já existem na língua, alguns vocábulos se formam a partir de palavras de outras línguas e, com as novas tecnologias e a comunicação nas redes sociais, o inglês tem servido de base para muitos empréstimos lexicais. A dicionarização de tais palavras dependerá de sua aceitação e uso como parte do léxico da língua portuguesa pela comunidade de fala.

Entre diferentes formas de incorporar novas palavras, de acordo com Correia e Almeida (2012, p. 33), “os léxicos das línguas dispõem basicamente de três mecanismos distintos: a construção de palavras, recorrendo a regras da própria língua; a atribuição de novos significados a palavras já existentes; a importação de palavras de outras línguas”. Além desses, outros mecanismos também podem ser produtivos nessa atividade dentro do sistema do português.

Tendo em vista a natureza deste trabalho, que demanda um recorte analítico, serão apresentados, a partir do tópico a seguir, os principais processos de formação de palavras, que serviram como base de estudos para o corpus analisado.

### **1.8.1 Derivação**

Uma palavra pode ser formada usando outra como base, acrescentando novas informações ao seu significado original, quando isso ocorre temos a derivação, que, junto à composição (que será abordada posteriormente), faz parte dos processos mais gerais de formação de palavras.

Basilio (1998, p. 26) explica que “o processo de derivação se caracteriza pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para a formação de uma palavra”. À vista disso, para uma palavra ser considerada derivada, precisa ser formada por uma base e um afixo. De modo geral, a base ou radical da palavra derivada é uma forma livre, que constitui um enunciado por si só, como é o caso de verbos, substantivos, adjetivos e advérbios, como nos exemplos a seguir:

(1) Lavável - base do verbo *lavar* + sufixo *ável*

- (2) Jornaleiro - base do substantivo *jornal*+ sufixo *eiro*
- (3) Beleza - base do adjetivo *belo* + sufixo *eza*

Entretanto, em alguns casos, a derivação também pode ocorrer em bases presas, como em psicológico, em que à base *psicolog-*, sem significação quando sozinha, foi acrescentado o sufixo formador de adjetivos, *ico*.

Para Correia e Almeida (2012, p. 38) “a derivação é aparentemente o processo mais disponível na construção de palavras. Tal fato verifica-se não só na quantidade de palavras registradas nos dicionários que são palavras derivadas, como, ainda, na possibilidade de construir novas palavras por derivação”. As autoras esclarecem que a derivação é considerada um processo mais regular, pois o número de afixos derivacionais, apesar de limitado, possibilita a formação de palavras que seguem certo padrão, em que se é possível compreender a definição do derivado a partir do conhecimento da regra de construção da palavra, do significado do afixo ou da base.

Quando ao radical se une apenas um prefixo, o processo é chamado de derivação prefixal ou prefixação. Já quando se une apenas um sufixo, temos a derivação sufixal ou sufixação. Nessa visão, existem ainda algumas divisões no processo de formação por derivação. A primeira delas é a **derivação prefixal e sufixal**, que segundo Kehdi (1997) gera vocábulos com uma estrutura mais complexa do que os que contêm apenas um prefixo ou sufixo, já que nesse processo a palavra pode ter ao mesmo tempo prefixo e sufixo, sendo que, se retirarmos um desses afixos, a palavra continuará existindo na língua, como o exemplo da palavra *desrespeitoso*:

- (4) *desrespeitoso* (prefixo *des* + radical *respeito* + sufixo *oso*)
- (5) *desrespeito* (prefixo *des* + radical *respeito*)
- (6) *respeitoso* (radical *respeito* + sufixo *oso*)

Outro caso é o da **derivação parassintética ou parassíntese**, que, segundo Correia e Almeida (2012, p. 50-51) são casos em que “além do prefixo, ocorre sufixo derivacional claramente marcado”, sendo que “aparentemente é o único caso em que dois afixos se juntam a uma base simultaneamente”. Tal processo é bastante semelhante à derivação prefixal e sufixal, pois também se acrescenta um prefixo e um sufixo ao radical, com a diferença de que, se um dos afixos for retirado, o resultado será uma forma irreconhecível na língua, por isso dizemos que a junção é simultânea, por exemplo:

- (7) *esclarecer* (prefixo *es* + radical *claro* + sufixo *ecer*)
- (8) *esclaro* (forma inexistente na língua)
- (9) *clarecer* (forma inexistente na língua)

O autor explica que o acréscimo das terminações -ar ou -er, de valor verbal, contribui para que uma palavra mude de classe, como acontece em *esclarecer* ou *aclarar*, que partem do radical *claro*, fazendo com que mude de adjetivo para verbo, desempenhando um papel sufixal, pois uma das funções do sufixo é contribuir na mudança da classe gramatical do radical. Por tal motivo, as palavras *esclarecer* e *aclarar* são consideradas verbos parassintéticos.

Kehdi (1997) comenta, ainda, que, por trás da aparente simplicidade da definição desse tipo de formação, há um processo complexo com casos pontuais que excedem à regra geral, ao pontuar que “a parassíntese não pode ser conceituada com base exclusiva na simultaneidade dos afixos; o exame de subsistemas, bem como a análise do aspecto semântico, são, também, critérios indispensáveis para a caracterização desse processo de formação vocabular” (KEHDI, 1997, p. 21). Tal conclusão a que chega o teórico é baseada na observação de palavras com derivação parassintética, mas que, devido a características semânticas ou do subsistema ao qual pertencem, podem ser interpretadas, na verdade, como derivação prefixal, por exemplo “alargar” (formada de *a* + *larg(o)* + *ar*), pois se não nos atentarmos à semântica, poderia ser confundida com derivação prefixal (advinda de *a* + *largar*), a confusão estaria na definição de *largar* com sentido de soltar e com o sentido de tornar largo, estando nessa última a comprovação da derivação parassintética.

Basilio (1998) tem o mesmo entendimento em relação à definição dos parassintéticos. Para compreender melhor essa observação, vejamos a fala da autora ao expressar que:

na verdade, a derivação parassintética não é necessariamente ligada à existência ou não de formas prefixadas ou sufixadas. [...] Quando a supressão de um afixo nos deixa como resultado uma palavra existente na língua, temos ainda que verificar se o significado da construção global corresponde à função semântica do afixo retirado com a base resultante. Se isso não ocorrer poderá ser considerada como derivação parassintética. (BASILIO, 1998, p. 46-47).

Para exemplificar tal situação, a teórica mostra o exemplo da palavra *desdentado*, pois nesse caso haveria duas possibilidades de interpretação: uma levando em conta que seria uma formação parassintética, pela adição simultânea de *des-* e *ado-* ao substantivo *dente*, expressando o adjetivo “sem dente”; e outra levando em conta que temos acréscimo de *do-*, significando particípio passado da base do verbo *desdentar*. Segundo Basilio (1998) a análise por esse raciocínio permite verificar que é possível termos derivações parassintéticas mesmo em situações em que a retirada de um afixo resultaria em uma palavra existente na língua, porém, a autora pontua que essa possibilidade não é contemplada nas gramáticas normativas ou descrições morfológicas, o que nos mostra a complexidade desses casos excepcionais.

A **derivação regressiva ou regressão** é outro processo, que, de acordo com Kehdi (1997, p. 22) “ocorre quando, a partir de um vocábulo com sufixo real ou suposto, formamos um novo vocábulo através da eliminação do referido sufixo. O maior número de derivados regressivos é constituído de substantivos deverbais, como *paga*, de pagar e *luta*, de lutar”. Assim, a derivação regressiva terá origem nos verbos e terá os substantivos como resultado.

Correia e Almeida (2012, p. 44) esclarecem que:

de acordo com a gramática tradicional, a derivação regressiva caracteriza-se pelo fato de, em vez de se juntar um afixo a uma base, se retira um segmento de uma base. Trata-se sempre de um processo de nominalização deverbal, isto é, as bases de derivação regressiva são sempre verbos e os seus produtos são sempre nomes de ação, parafraseáveis por “ação de *v* / efeito de *v*”.

Dessa forma, esse processo pode gerar dúvidas em relação à qual palavra dá origem a outra, por exemplo, *paga* se origina de *pagar* ou é o contrário?. Compreender essa distinção é importante no reconhecimento um caso de derivação regressiva, e para ajudar a esclarecer o assunto, Barreto 1982 (apud KEHDI 1997, p. 23) apresenta uma prática solução:

para que o consulente tire a dúvida de se a palavra primitiva é o verbo ou, antes, o nome, saiba que, se o substantivo denota acção, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva; mas se o nome denota algum objeto ou substância, se verificará o contrário.

A regressão ocorrerá quando houver a supressão de um elemento ao invés de um acréscimo, dando origem a uma nova palavra que será a palavra derivante, pois será derivada de outra, a qual terá a parte retirada. Em geral, a palavra nova será formada por derivação regressiva deverbal, quando substantivos são formados a partir de verbos.

Para Alves (2007, p. 71) “ocorre o fenômeno da derivação regressiva quando a criação de uma nova unidade léxica deve-se à supressão de um elemento, considerado de carácter sufixal”. A autora corrobora o pensamento de Kehdi ao esclarecer também que a maioria dos casos de derivação regressiva se dá por meio de substantivos deverbais, resultando na substantivação de suas formas verbais.

Basilio (1998, p. 38) ressalta a importância de notar que nos casos de derivação regressiva “o que é suprimido não é um afixo, mas uma parte da palavra que é analisada como sendo um afixo. Essa diferença é fundamental, pois, se tivéssemos a supressão de um afixo, teríamos simplesmente a operação reversa num caso de derivação normal”. O elemento que exerce função de afixo é que deve ser retirado para que se caracterize esse processo, como no exemplo:

(10) *jogar/jogo*

(11) *gatão/gato*

Dessa maneira, temos derivação regressiva em (10), em que aparece um verbo gerando um substantivo, mas não em (11), pois no segundo exemplo o que ocorreu foi simplesmente a supressão do sufixo aumentativo, porém a palavra *gato* já existe, com ou sem o aumentativo, não sendo derivada de *gatão*.

Outro processo que muito se aproxima da derivação regressiva é a **abreviação ou redução**, que em alguns casos é analisada como uma forma de derivação regressiva, mas existe uma importante distinção entre os dois processos. Na abreviação não ocorre a mudança da classe gramatical da palavra, como ocorre na maioria dos casos de regressão, na redução os vocábulos permanecem na mesma classe gramatical, como nos exemplos:

(12) *extra* (adj.) - *extraordinário* (adj.)

(13) *cine* (subst.) - *cinema* (subst.)

(14) *foto* (subst.) - *fotografia* (subst.)

No entanto, na concepção de Kehdi (1997, p. 28) a diferença fundamental entre os dois processos é que “no caso da abreviação, a redução não se pauta por critérios específicos homogêneos. No caso de *extra*, reduz-se o vocabulário ao prefixo; em *cine* e *cinema*, há corte aleatório de sílabas; quanto a *foto*, mantém-se o primeiro elemento”. De acordo com o autor a análise precisa levar em consideração esses detalhes para identificar o processo utilizado, e pontua, ainda, que nos casos de abreviação, a forma abreviada pode coexistir substituindo a forma da qual foi extraída, com pouca diferença de sentido.

Nesse cenário, Basilio (1998, p. 37) corrobora esse pensamento ao citar que nos casos de abreviação “a parte a ser suprimida é, muitas vezes, imprevisível; e a palavra formada é sinônima da derivante, apenas sendo usada, as mais das vezes, num estilo mais coloquial”. A característica do uso da abreviação é que não haja prejuízo ou mudança do significado global em relação à palavra abreviada e a palavra original.

O último caso de derivação se trata da **derivação imprópria ou conversão**. De acordo Kehdi (1997, p. 29) “um vocábulo também pode ser formado quando passa de uma classe gramatical a outra, aparentemente sem alterações formais”, ou seja, quando utilizamos uma mesma palavra em diferentes frases, sendo que em cada uma a palavra terá um sentido e uma classificação gramatical.

Basilio (1998) e Correia e Almeida (2012) afirmam que alguns casos são mais comuns na conversão. O primeiro é a nominalização deadjetival, em que o adjetivo se transforma em substantivo, quando se toma uma palavra caracterizadora (adjetivo) para usá-la como uma palavra designadora (substantivo), por exemplo:

(15) Os homens *ricos* pensam que podem comprar tudo

(16) Os *ricos* pensam que podem comprar tudo

Nesse exemplo, o adjetivo para caracterizar pessoas (15), passou a ser usado para designar as pessoas (16), configurando, portanto, a conversão. Outro dos casos mais comuns de derivação imprópria é a adverbialização deadjetival, quando o adjetivo passa a advérbio, exemplificado em:

(17) João falou *alto*

Na construção, o termo *alto*, que tradicionalmente exerce a função de adjetivo, passa a exercer a função de advérbio, na medida em que representa o modo como João falou.

### 1.8.2 Composição

Conforme Kehdi (1997, p. 35), a composição “é um processo de formação lexical que consiste na criação de palavras novas pela combinação de vocábulos já existentes: *amor-próprio; ganha-pão*”. Diferente da derivação, a composição não é um processo em que se formam novas palavras a partir de modificações em outras e, sim, ocorre pela união de radicais distintos, em que os elementos primitivos perdem o significado próprio usual para que se forme um novo conceito, único e global da palavra nova.

A respeito desse processo, Basilio (1998, p. 30) expõe que:

enquanto na derivação temos a expressão de noções comuns e gerais, a composição é um processo que vai permitir categorizações cada vez mais particulares. Com a utilização de estruturas sintáticas para fins lexicais, os processos de composição permitem a nomeação ou caracterização de seres pela junção de dois elementos semânticos, de existência independente no léxico, em apenas um elemento lexical. Não é por acaso que as formas compostas são frequentemente desligadas do significado escrito de seus componentes.

O processo de composição possui uma função de denominação e/ou caracterização, que ocorre por meio de combinações particulares de itens lexicais. A palavra *amor-perfeito*, por exemplo, designa um tipo de flor, porém, sua estrutura, as palavras *amor* e *perfeito*, se analisadas isoladamente, não têm nenhum indício dessa designação.

Nesse cenário, a autora explica também que essa denominação de seres pode ser descritiva ou metafórica. Descritiva quando o ser, evento, objeto, etc. é denominado com base em suas características reais e relevantes, por exemplo, a palavra composta *sofá-cama*, que é chamada dessa forma por se tratar literalmente de um sofá que funciona como cama. Já quando a descrição ocorre baseada em critérios de associação de ideias, em vez de características objetivas, temos a situação de denominação metafórica, que

recebe esse nome, pois uma vez reconhecidos os significados das palavras isoladas, é possível identificar uma metáfora na composição, como ocorre na palavra *língua-de-sogra*. O brinquedo pode se assemelhar a uma língua por seu formato comprido quando desenrolado, porém certamente não se parece especificamente com a língua de alguém em especial, mas foi ligado à palavra *sogra* por associação a ideias da cultura popular a respeito do termo.

Segundo com Gonçalves (2016, p. 52) “a composição vem contribuindo com um sem-número de itens lexicais recentes em português, em particular compostos N-N do tipo endocêntrico (com interpretação partindo do núcleo, a cabeça lexical), como as construções com *bolsa* (Bolsa Família, Bolsa Escola) e *auxílio* (auxílio aluguel, auxílio alimentação)”. Partindo da compreensão de que os compostos endocêntricos são aqueles que possuem núcleo, o autor explica que esse tipo de composição tem se tornado abundante nas duas últimas décadas e inúmeras formas podem ser assim constituídas.

Para exemplificar tal situação, o teórico cita algumas formações de palavras recentes em que “um aspecto específico do corpo da mulher é ressaltado em função da fruta especificada na segunda posição de compostos, nos quais *mulher* constitui a cabeça lexical (núcleo da construção) como se vê em [...] *mulher melancia*, *mulher melão*, *mulher moranguinho*, entre outros” (GONÇALVES, 2016, p. 55-56). Por isso, fica evidente a facilidade existente entre os falantes na produção de novos compostos, que pode ser atribuída ao fato de não ser esse processo limitado por restrições gramaticais, podendo gerar produtos imprevisíveis.

Essa imprevisibilidade é confirmada por Basilio (1998), pois a combinação de elementos possíveis na composição é ilimitada e depende da necessidade específica de cada caso, no entanto, a autora identifica que pelo menos um tipo de combinação parece apresentar uma função constante, é o caso dos compostos estruturados em verbo + substantivo, como ocorre em *guarda-chuva*, *guarda-roupa*, *guarda-costas*, *porta-copos*, *porta-luvas*, *porta-bandeira*, etc.

Nessas formações podemos observar dois tipos de regularidade, uma representada pelo verbo + substantivo formando agentes ou instrumentais e outra em que aparecem parcialmente fixas e a posição verbal é ocupada por verbos específicos (*guarda* e *porta*). Para a autora, tais observações permitem classificar a composição como um processo muito interessante, na medida em que utiliza estruturas sintáticas na criação lexical sem que para isso esteja tão ligado aos padrões formais da língua, como acontece na derivação.

Em contrapartida, Basilio (1998) chama atenção, ainda, para a composição baseada em bases presas, como acontece em *agricultura*, que tem a base presa *agri-*, pois essas formações são características da língua formal e geralmente utilizam radicais listados

nas gramáticas normativas, a fim de denominar a linguagem técnico-científica, não havendo espaço para construção metafórica.

Gonçalves (2016) também comenta esse tipo de composição, a qual nomeia “composição neoclássica”. Segundo ele os compostos neoclássicos são “construções com bases presas de origem grega ou latina [...] o processo foi (e ainda é) largamente utilizado na formação dos chamados “internacionalismos” - formas que caracterizam um vocabulário universal técnico-científico e filosófico literário”. (GONÇALVES, 2016, p. 59). O teórico explica que essas formações são iniciadas por radical preso, a exemplo de *sociopata*, *heterofóbico*, entre outras, com inspiração predominantemente greco-latina e que novos termos técnicos podem ser criados por analogia a outros preexistentes.

Já em relação aos tipos de composição, Kehdi (1997) explica que existem dois tipos. De acordo com o linguista:

ocorre justaposição quando os termos associados conservam a sua individualidade: *passatempo*, *sempre-viva*. Tem-se aglutinação quando os vocábulos ligados se fundem num todo fonético, com um único acento, e o primeiro perde alguns elementos fonéticos (acento tônico, vogais ou consoantes): *boquiaberto*, *pernalta*. (KEHDI, 1997, p. 36)

Sendo assim, a justaposição ou a aglutinação se distinguirão de acordo com a fusão mais ou menos íntima das palavras. Nos casos de aglutinação, poderá haver alterações tanto na primeira como na segunda palavra, porém, se a junção dos elementos resultar em uma forma em que não se reconheça nenhum dos componentes, a palavra nova deve ser considerada primitiva, podendo, inclusive servir como base para formação de derivados, como ocorre em *fidalgo*, proveniente de *filho de algo*, em que, etimologicamente, não se percebe a composição e dela derivam outras formas como *fidalgua*, *afidalgar*, etc.

Correia e Almeida (2012, p. 52) também comentam que “um composto é justaposto se cada um dos elementos que o constituem mantiver a sua integridade fonológica (número de sílabas e acento próprio), ao passo que é aglutinado se os intervenientes na composição se subordinarem ao acento de um dos constituintes”. A definição do tipo está relacionada à estrutura fonológica dos compostos e é comum na língua portuguesa que uma das partes constituintes perca elementos na aglutinação, como ocorre em “embora” (em+boa+hora).

Nesse contexto, um assunto que pode gerar dúvidas em relação às palavras compostas é o uso ou não do hífen. Luft (apud KEHDI 1997, p. 37-38) esclarece que são necessárias três condições para a hifenização nas palavras compostas:

- 1) apresentar unidade semântica: a significação global deve ser diferente da significação individual dos elementos constitutivos. Examine-se, a título de exemplo, o contraste: *mesa-redonda* / *mesa redonda*;
- 2) ter consciência dos elementos constitutivos que conservam a realização prosódica normal de fonemas e acentos. Note-se, por exemplo, os timbres diferentes do *o* nos contrastes: *roda-gigante* (com *o* aberto) / *rodapé* (com *o* fechado);

3) serem formas livres os elementos componentes: *alça-pé* / *alçapão* (de *alça* e *põe*).

Essas são orientações que podem auxiliar na verificação da hifenização, apesar de haverem exceções, e nos mostram que a presença do hífen não pode ser o único elemento caracterizador dos compostos, pois outros critérios linguísticos devem ser analisados e considerados.

### 1.8.3 Outros processos de formação de palavras

Além dos processos já citados, alguns outros também contribuem para formação de palavras no português, dos quais destacamos a truncação, palavra-valise, siglagem, reduplicação, criação onomatopaica e hibridismo.

Alves (2007, p. 68) explica que “a formação de palavras pelo processo de **truncação** constitui um tipo de abreviação em que uma parte da sequência lexical, geralmente a final, é eliminada”, ou seja, consiste no uso de uma forma reduzida da palavra. Desse modo, revela que esse é um meio muito produtivo utilizado pela mídia, como o uso do termo *niver* em referência a *aniversário*.

Segundo, Correia e Almeida (2012, p. 57) “a gíria que os jovens utilizam hoje em dia contém, também, várias truncações, das quais destacamos *cerva* (por *cerveja*) e *churras* (por *churrasco*)”, em vista disso, avaliam que a truncação funciona como uma maneira de tornar a palavra mais memorizável, facilitando seu uso e geralmente afeta vocábulos de quatro ou mais sílabas, como o emprego de *otorrino* no lugar de *otorrinolaringologista*.

A **palavra-valise**, também designada de cruzamento vocabular, é definida como um tipo de redução, porém, nesse processo, conforme Alves (2007, p. 69) “duas bases - ou uma delas - são privadas de parte de seus elementos para constituírem um novo item léxico: uma perde sua parte final e a outra, sua parte inicial”. Nesse caso, são inúmeras as combinações possíveis ao unirem-se vocábulos distintos, como ocorre em *brasiguai* (brasileiro com paraguaio), *cantriz* (cantora com atriz) ou *novelha* (nova com velha).

Para Correia e Almeida (2012, p. 57) “as amálgamas (também conhecidas como *mots-valise* ou *blends*) são unidades lexicais constituídas com partes de outras palavras, que se juntam, formando uma palavra gráfica, por exemplo: *portunhol* por *português* + *espanhol*”. Percebemos que, apesar de trazer uma denominação diferente para esse processo, a explicação das autoras corrobora com Alves (2007).

Khedi (1997) inclui também a **siglagem** como um processo moderno em que se reduzem títulos longos apenas às letras iniciais das palavras que os compõem e a leitura pode ocorrer a partir da pronúncia das letras isoladas ou seguir os padrões de leitura da língua.

Na **reduplicação**, ocorre a recorrência de termos. Conforme Alves (2007, p. 70-71) “refere-se a um recurso morfológico em que uma mesma base é repetida duas ou mais vezes a fim de constituir um novo item no léxico, geralmente pitoresco, por causa do inusitado procedimento de formação”. De acordo com Kehdi (1997) tal processo apresenta um forte valor expressivo, podendo representar conotação de carinho, como na linguagem infantil *mama* (de mamãe) e *papa* (de papai), ou reforço de ideia, como em “esse é um queijo queijo” (ou seja, um queijo de verdade).

Em Alves (2007) a **criação onomatopaica** também representa uma forma de neologismo fonológico, pois a reprodução de sons é motivada por significantes inéditos, mesmo sabendo que “a formação de palavras onomatopaicas não é totalmente arbitrária, já que ela se baseia numa relação, ainda que imprecisa, entre a unidade léxica criada e certos ruídos”. (ALVES, 2007, pg. 12). Ademais, Khedi (1997) destaca que as onomatopeias geralmente são compostas por vocábulos monossílabos reduplicados, como ocorre em “zunzum”

Já o **hibridismo**, segundo com Kehdi (1997, p. 50) “é a designação dada aos vocábulos compostos ou derivados, cujos elementos provêm de línguas diferentes”. Em português as combinações mais comuns são entre o latim e palavras de origem grega, como ocorre em *automóvel* e *sociologia*, entretanto, também são possíveis outras combinações, como francês e grego: *burocracia* e tupi e português: *goiabeira*.

Nesse tópico, foram apresentados os principais processos utilizados na formação de palavras em língua portuguesa e a seguir trataremos dos casos específicos relacionados aos neologismos.

### 1.9 A evolução constante da língua: Os neologismos

Para compreender o que são os neologismos é necessário conhecer o conceito de neologia. A neologia pode ser entendida como a criação de termos e palavras específicas dentro da língua geral e os neologismos são o produto dessa criação, ou seja, as novas unidades linguísticas geradas.

De acordo com Correia e Almeida (2012, p. 23), neologismo é definido como “uma unidade lexical cuja forma significante ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua”. Tal definição nos mostra que nos neologismos incluem-se não apenas as palavras totalmente novas, mas as já existentes que passam a adquirir um novo significado. Dessa maneira, cabe aos falantes da língua criar novas palavras, ou atribuir um novo significado a um significante já usual, com o objetivo de promover a comunicação. O neologismo deve seguir a estrutura do sistema

linguístico do qual faz parte, adequando-se à fonologia, morfologia e sintaxe da língua. O conhecimento lexical do falante garantirá a apreensão do significado, por se tratar de uma palavra possível na língua. Para tanto, a criação do neologismo geralmente ocorre utilizando os processos de derivação e composição, ademais, os vocábulos gerados se encaixam nas categorias lexicais de nome, verbo, advérbio e adjetivo ou, excepcionalmente, artigos e preposições.

Na definição de Alves (2007, p. 5):

ao processo de criação lexical dá-se o nome de *neologia*. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado *neologismo*. O neologismo pode ser formado por mecanismos oriundos da própria língua, os processos autóctones, ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas linguísticos. Na língua portuguesa, os dois recursos têm sido amplamente empregados, diacrônica e sincronicamente.

Na visão da autora os processos neológicos no português contemporâneo ocorrem tanto por meio de influências internas, como de outras línguas, sendo que no passado, na primeira metade do século XX, o francês foi marcante, porém atualmente cedeu espaço à língua inglesa, responsável pelo maior número de empréstimos, isto é, adoção e adaptação de termos estrangeiros.

Ainda para Alves (2007, p. 87) “o estudo sistemático da neologia no português brasileiro é, sob a perspectiva linguística, a análise dos processos de formação de novas palavras; do ponto de vista extralinguístico, constitui o estudo da evolução da sociedade brasileira”. Entendemos que analisar a língua de uma comunidade é também conhecer sua cultura, tendo em vista que o léxico pode armazenar importantes informações culturais de uma sociedade.

A partir do momento em que a criação lexical passa a se tornar usual entre a maioria dos falantes, ingressam no nível de vocabulário corrente, deixando de causar estranheza e sensação de novidade, tornando-se estáveis. Geralmente após adquirirem essa estabilidade ocorre a entrada nos dicionários, integrando as palavras oficiais na língua.

De acordo com Carvalho (2002, p. 123), neologismo corresponde ao “termo novo introduzido numa língua, podendo ser formal - uma forma nova - ou conceitual - um significado novo para um termo existente. O neologismo formal recorre à criação e utiliza os processos de formação existentes na língua (prefixação, sufixação, composição, redução etc.)”. Percebe-se a relação entre os processos de formação de palavras e os neologismos, tendo em vista que, do ponto de vista formal, a criação de neologismos sempre se baseia em padrões já cristalizados na língua.

Para ser considerada um neologismo, é preciso que uma criação lexical seja considerada uma palavra possível na língua, além de ser inovadora de algum modo e um dos padrões de definição da unidade neológica é o sentimento de novidade causado nos

falantes. Os neologismos são, desse modo, unidades lexicais concebidas com base em critérios de formação de palavras de uma língua e trazem algum tipo de novidade.

Correia e Almeida (2012, p. 24) esclarecemos tipos distintos de novidade:

**novidade formal:** (a sua forma significante é nova) quando o neologismo apresenta uma forma não atestada no estágio anterior do registro da língua;  
**novidade semântica:** quando o neologismo corresponde a uma nova associação significado-significante, isto é, uma palavra já existente adquire uma nova acepção.

Não obstante, ao nos depararmos com uma unidade léxica que é sentida como nova, é preciso analisar em que medida ela é nova, dessa maneira, definem dois tipos de novidade possíveis. O primeiro deles é a novidade formal, quando o neologismo é criado com base nos processos de formação de palavras e constitui uma forma ainda não registrada na língua. Já a novidade semântica acontece quando uma palavra já usual no léxico da língua passa a ter um novo significado. Tais conceitos são relevantes, pois serão parte dos critérios de análise dos neologismos encontrados no último capítulo.

Dessa maneira, como ponto de partida para tal análise, adotamos como referencial as tipologias definidas por Alves (2007), que divide os neologismos em quatro tipos apresentados a seguir: neologismos fonológicos, sintáticos, semânticos e neologismos por empréstimos.

### 1.9.1 Neologismos fonológicos

A fonologia é uma área da linguística que estuda o sistema sonoro das palavras. De acordo com Alves (2007, p. 11) “a neologia essencialmente fonológica supõe a criação de um item léxico cujo significante seja totalmente inédito, isto é, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente”. Segundo a autora, essa é uma situação raríssima em qualquer língua, pois o próprio mecanismo de construção linguística impede a ocorrência da neologia fonológica, buscando manter a eficácia na comunicação, ou seja, baseada na formação de palavras de acordo com padrões preestabelecidos no sistema linguístico, como já foi abordado.

As formações *ex-nihilo*, termo do latim que representa uma criação a partir “do nada”, também são utilizadas para definir esse tipo de neologismo. Conforme Gonçalves (2016, p. 32-33) em morfologia, esse tipo de formação “faz referência a termos cunhados sem ativação de processos linguísticos, as chamadas criações de raiz”. O autor questiona a existência real de tais formações, pois segundo ele “o que parece ser criação do nada (obra do acaso), pode apresentar uma explicação que muitas vezes desconhecemos”. Ademais, se um significante é entendido como totalmente novo, haverá dificuldade em sua

decodificação, tornando falha a comunicação, indo contra o propósito de eficácia. De modo geral, a evolução da língua costuma se pautar nos significantes já criados.

Nessa perspectiva, Correia e Almeida (2012) também comentam a raridade desse processo, pois o léxico busca alguma motivação na formação de palavras e “a inexistência dessa motivação dificulta o armazenamento na memória, a recuperação da informação e o processamento das palavras, por isso o processo contraria os princípios básicos do funcionamento psicológico e neurológico da linguagem humana” (CORREIA e ALMEIDA, 2012, p. 34).

Alves (2007) explica, também, que, dentro das diversas possibilidades, a criação onomatopaica faz parte do universo dos neologismos fonológicos, mas que não é uma forma de nomeação totalmente arbitrária, pois é motivada, mesmo que não explicitamente, por alguma relação de sentido fonológico/sonoro.

Além disso, apesar desse tipo de formação ser rara, alguns recursos fonológicos costumam ser empregados com a finalidade de promover alterações no sentido lexical das palavras, sem que, no entanto, impeça que o leitor a interprete adequadamente, como, por exemplo, na combinação das bases verbais *beber* e *comer*, resultando no termo neológico *bebemorar*, ou, ainda, na substituição de “show” por “xou” no nome do antigo programa “Xou da Xuxa”.

### 1.9.2 Neologismos sintáticos

A sintaxe é a área que estuda a disposição e a relação das palavras em frases e enunciados. Nesse sentido, Alves (2007, p. 14) denomina sintáticos os neologismos formados pela “combinação de elementos já existentes no sistema linguístico” e explica que são chamados dessa forma porque essa combinação não se restringe apenas ao nível lexical, mas engloba também o nível frásico. O neologismo sintático representa uma forma complexa de neologia, que une relações entre a morfologia e sintaxe, podendo ser classificados em derivados e compostos.

A autora traz ainda variados exemplos de cada tipo de formação dos neologismos sintáticos, ressaltando que as formações por derivação prefixal são muito produtivas na língua, pois unindo uma base a um prefixo é possível se obter diversos significados, como no exemplo do prefixo *des-*, de caráter negativo ou opositivo, que pode construir as formações *desideologização* e *desmalufar*. Além disso, o acréscimo de elementos prefixais não costuma provocar alteração da classe gramatical da base, ao contrário da sufixação, que atribui à palavra base uma ideia acessória.

Já nos casos de neologismos formados por composição, a nova unidade léxica criada constitui uma base autônoma, ou seja, funciona morfológica e semanticamente como

um único elemento, podendo apresentar uma relação de subordinação ou de coordenação entre os elementos.

Um tipo especial de composição destacado pela autora, são as formações por siglas ou acronímia, que são um resultado da tentativa de economia discursiva, “o sintagma é reduzido de modo a tornar-se mais simples e mais eficaz no processo de comunicação” (ALVES 2007, p. 56). De modo geral, esse tipo de neologismo é formado pelas letras iniciais dos elementos que o compõem, como em *APM-Associação de Pais e Mestres* ou pela junção de algumas sílabas, como em *Anvisa-Agência Nacional de Vigilância Sanitária*. A respeito da siglagem, Kehdi (1997) explica que a leitura pode ocorrer pronunciando as letras isoladamente ou pelas regras usuais de leitura da língua e muitas vezes a formação por sigla torna-se mais conhecida e usual que a forma completa.

### 1.9.3 Neologismos semânticos

A semântica é a área de estudos que analisa a relação de significação das palavras no sistema linguístico. Alves (2007, p. 62) esclarece que os neologismos semânticos, também denominados conceptuais, são aqueles “criados sem que se opere nenhuma mudança formal em unidades léxicas existentes. Qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona a criação de um novo elemento”. Essa formação pode ocorrer pelo uso de processos estilísticos de metáfora, metonímia, sinédoque, entre outros, atribuindo novos significados a um item lexical já conhecido.

No exemplo da autora aparece a palavra *papagaio* que usualmente denomina uma espécie de pássaro, mas que em algumas situações pode significar uma pessoa que fala muito, tagarela. O contexto é que poderá mostrar se o significado básico da palavra foi ou não mantido na frase.

### 1.9.4 Neologismos por empréstimo

Os empréstimos, dentro do sistema linguístico, podem ser entendidos como uma tentativa de reproduzir padrões de determinada língua em outra. Alves (2007) explica os empréstimos são formatos neológicos que não utilizam os processos de formação de palavras disponíveis na língua portuguesa e que podem manifestar-se de diferentes formas: estrangeirismo, tradução, integração e decalque.

Conforme esclarecem Correia e Almeida (2012, p. 71) “estrangeirismo denota uma unidade importada de outra língua que não sofreu quaisquer adaptações à língua de chegada, ao passo que o empréstimo denota uma palavra estrangeira que se adaptou ao sistema linguístico de acolhimento, ou seja, foi aportuguesada”. Desse modo, o

estrangeirismo acontece quando um termo estrangeiro é empregado e sentido como externo ao vernáculo da língua, pois ainda não faz parte do acervo lexical do idioma. Geralmente é usado com efeito estilístico e é mais comum em vocabulário técnico dos esportes, economia e informática, e linguagens especiais como da publicidade e colonismo social.

Carvalho (2002, p. 62) explica que “utilizando a dicotomia saussuriana de *langue* e *parole*, enquanto o estrangeirismo faz parte da *parole* - uso individual - o empréstimo passa a ser elemento da *langue*, já socializado”, ou seja, o termo é considerado estrangeiro até que não mais seja percebido como tal, pela frequência de uso. A autora esclarece também que as palavras estrangeiras que são comumente utilizadas, mas permanecem com sua grafia original são chamadas de xenismo.

Em relação ao processo de formação das palavras estrangeiras, Carvalho (2002, p. 60) argumenta “o empréstimo não se constitui uma criação linguística no sentido real do termo, pois a novidade do mundo extralinguístico não acionou a criatividade do falante. Ele apenas acomodou ou adaptou a seu sistema um elemento de um sistema diverso”. Nessa visão, nos casos de neologismos por empréstimos não houve formação da palavra por meio de um dos processos anteriormente apresentados, por isso diz-se que são formações por estrangeirismo.

Retomando as tipologias de empréstimos definidas por Alves (2007), temos a tradução, que é um recurso utilizado pelo emissor com vistas a garantir a interpretação do termo por parte do receptor, assim, a unidade léxica estrangeira é empregada seguida da tradução ou de uma definição do seu significado.

A integração corresponde à fase em que o item léxico estrangeiro está sendo incorporado à língua receptora. É interessante observar que a integração pressupõe uma adaptação, porém isso não é uma regra, podendo, inclusive, coexistirem as duas formas gráficas, como em *xampu* e *shampoo*.

Já o decalque consiste também em um tipo de adaptação, porém com o uso da versão literal do termo estrangeiro, que, segundo a autora, torna difícil seu reconhecimento.

Por conseguinte, a classificação dos neologismos por categorias, de acordo com Alves (2007), representada no quadro a seguir, é um resumo dos exemplos utilizados como base para a análise realizada no último capítulo:

**Tabela 1: Tipologia de processos de neologismos**

TIPO	EXEMPLO
Fonológico: criação onomatopaica	<i>sem exemplos apresentados pela autora</i>
Fonológico: transformação do significante	<i>turma-tchurma</i>
Fonológico: transformação por associação verbal	<i>bebemorar</i>

Fonológico: transformação por modificação gráfica	<i>show -xou</i>
Sintático: derivação prefixal	<i>não-sucessão</i>
Sintático: derivação sufixal	<i>achistas</i>
Sintático: derivação parassintética	<i>apalhaçar</i>
Sintático: composição subordinativa	<i>enredos-denúncias</i>
Sintático: composição coordenativa	<i>ritmico-harmônicas</i>
Sintático: composição com bases não-Autônomas	<i>tropicologia</i>
Sintático: composição sintagmática	<i>cesta básica</i>
Sintático: composição por sigla ou acronímica	<i>ERP-Exército Revolucionário do Povo</i>
Semântico	<i>baixinho - no sentido de criança</i>
Empréstimo: estrangeirismo	<i>overnight</i>
Empréstimo: tradução	<i>fiberglass - fibra de vidro</i>
Empréstimo: integração	<i>shampoo - xampu</i>
Empréstimo: decalque	<i>alta tecnologia – high technology</i>

Fonte: ALVES (2007, p. 11 a 79)

## CAPÍTULO II: METODOLOGIA DA PESQUISA

### 2.1 A metodologia da pesquisa

A fim de compreender a formação de palavras por meio do uso de neologismos na língua portuguesa contemporânea, realizamos o estudo de um *corpus* composto de 15 neologismos.

Para tanto, foi aplicada a abordagem quantitativa e o tipo de pesquisa é a bibliográfica, que procura esclarecer as situações apresentadas com base em referenciais teóricos publicados reunindo a contribuição de diversos autores.

A metodologia adotada foi a coleta manual de dados, no período de setembro de 2018 a dezembro de 2019, a partir da busca em cada postagem na página de humor “Chapolin Sincero”, que em janeiro de 2020 teve seu nome alterado para “Sincero Oficial, nas redes sociais Facebook e Instagram.

A razão da escolha dessa página é devido à grande quantidade de usuários nas redes sociais, com mais de 17 milhões no Instagram e 7 milhões no Facebook, que são as redes sociais preferidas dos brasileiros<sup>4</sup>, ou seja, as mais populares e por isso demonstravam possuir a maior quantidade de diferentes tipos de usuários, o que significam diferentes modos de registrar a fala.

Ainda, conforme artigo publicado no site Museu de Memes, programa mantido pela Universidade Federal Fluminense/UFF, com intuito principal de analisar esse fenômeno da comunicação atual e fornecer fontes de referência em pesquisas na área, cumpre ressaltar que:

O meme autoral “Chapolin Sincero” é um *image macro* – meme que consiste em imagem com legenda sobreposta. Como outras criações de Bolaños, o herói já era figura conhecida há pelo menos quatro décadas. Na internet, porém, sua popularidade foi reforçada quando o estudante de Publicidade e Propaganda Renan Schwarz criou uma página, no dia 22 de agosto de 2012, no Facebook com conteúdo que lhe servisse de portfólio, a ser apresentado a empresas que buscassem novos profissionais no mercado de trabalho. (MUSEU DE MEMES, 2015)

O sucesso da página pode ser devido à forma cômica e simples com que retrata situações cotidianas que qualquer pessoa está sujeita a viver, sendo capaz de traduzir o pensamento popular, fazendo com que haja identificação com o público que acompanha as postagens, gerando interação e compartilhamento do conteúdo. Ademais, as postagens têm como marca registrada a imagem de Roberto Bolaños, conhecido por interpretar o personagem Chapolin Colorado, exibido na televisão brasileira desde os anos 70, que ainda

---

<sup>4</sup>De acordo com a pesquisa “Social MidiaTrends 2018”, realizada pela empresa de marketing digital Rock Content, com a participação de 1730 pessoas, divulgada em relatório disponível em <https://cdn2.hubspot.net/hubfs/355484/Ebooks%20MKTC/Social%20Media.pdf>

hoje atrai a atenção dos telespectadores. Tais fatos fizeram com que as imagens da página virassem memes facilmente reconhecidos pelos usuários das redes sociais, podendo ser classificados como “miméticos”, em que os memes adaptam-se a diferentes situações mantendo sua estrutura, ou seja, sua essência, inalterada, conceito já discutido no primeiro capítulo.

Foram seguidos alguns princípios descritos por Correia e Almeida (2012) em relação à metodologia de trabalho com os neologismos. De acordo com as autoras:

nos dias que correm, a internet é uma fonte inesgotável de texto escrito (algum de pouca qualidade, é certo, mas, se a perspectiva dominante do trabalho a desenvolver não for normativa, a “qualidade” pode não ser um aspecto muito relevante, além de que materiais com “erros” constituem, como é sabido, excelentes pontos de partida para o ensino-aprendizagem de diferentes aspectos da língua. (CORREIA e ALMEIDA, 2012, p. 26)

Dessa forma, a internet e as redes sociais nos pareceram um vasto campo na seleção de dados para nossa pesquisa, pois, como explicam as autoras, os meios de comunicação possuem como objetivo principal apresentar o que é novidade, sejam em notícias ou em temáticas abordadas e por serem acessíveis demonstram grande probabilidade de encontrar neologismos. Nessa perspectiva, esse primeiro passo, a extração manual de dados, foi realizado com base no **sentimento de novidade**. Conforme Correia e Almeida (2012, p. 22) “um neologismo é, então, uma unidade lexical que é sentida como nova pela comunidade linguística num determinado momento”. As autoras o definem como um “critério psicológico” fundamental na identificação de neologismos, sendo uma boa ferramenta para coleta do *corpus de extração* realizada manualmente, porém se utilizado de maneira isolada é pouco preciso na seleção dos dados, por isso, para validação dos registros, é usado em conjunto com o *critério lexicográfico*.

Correia e Almeida (2012) denominam **corpus de extração** a reunião dos dados a serem estudados, entretanto, para atestar o caráter seu neológico é preciso associá-los ao **corpus de exclusão**, que se forma a partir da consulta a dicionários recentes capazes de expressar a atual fase lexical da língua. O *corpus* de exclusão é constituído por dicionários gerais de língua recentes, e é critério determinante do caráter neológico das unidades léxicas a serem analisadas, sendo chamado de **critério lexicográfico**. Ademais, foi consultada a Novíssima Gramática da Língua Portuguesa (CEGALLA, 2008) para dirimir qualquer dúvida que pudesse ocorrer em relação à formação e estrutura das palavras e o Michaelis Moderno Dicionário de Inglês (versão online) na consulta dos significados dos termos em língua inglesa encontrados como neologismos.

Nesta pesquisa, os dicionários escolhidos para atendimento ao critério lexicográfico foram as versões digitais de Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2009),

Dicionário Houaiss Beta da Língua Portuguesa (2012) e Caldas Aulete (2015) e a classificação tipológica dos neologismos foi realizada com base em Alves (2007).

Após a leitura atenta de uma série de postagens na página mencionada nas duas redes sociais escolhidas, foram selecionadas aquelas que poderiam ser caracterizadas como novas. A seleção inicial resultou em uma lista com 35 palavras, relacionada em tabela disponível como anexo.

A partir dessa delimitação inicial o passo seguinte à seleção das candidatas a neologismos foi realizar a comparação dos resultados com os dicionários selecionados para o corpus de exclusão, buscando identificar os que iriam realmente ser aproveitados na análise proposta.

Esse trabalho nos levou à delimitação de 28 palavras confirmadas, pois não foram encontradas registradas nos dicionários utilizados, podendo receber o título de neologismos na língua.

Por conseguinte, organizamos os procedimentos de coleta de dados deste estudo da maneira seguinte:

- 1) leitura de cada postagem na página “Sincero Oficial”, nas redes sociais *Instagram* e *Facebook*, e seleção dos possíveis neologismos, com base no sentimento de novidade;
- 2) catalogação dos neologismos, contextos de utilização e data de publicação;
- 3) consulta ao corpus de exclusão a fim de confirmar a neologia;
- 4) confirmada a ocorrência de neologismos realização da análise buscando definir:

4.1) o **processo de formação da palavra**: definido de acordo com as categorias abordadas no primeiro capítulo, evidenciando a maneira adotada para que tal palavra pudesse ser utilizada;

4.2) o **tipo de neologismo**<sup>5</sup>: com base nas definições de Alves (2007) as quais esclarecem as formas de identificar as diferenças, tendo em vista o contexto de utilização;

4.3) o **tipo de novidade**<sup>6</sup>: identificar se é considerada formal ou semântica, de acordo com as definições de Correia e Almeida (2012)

---

<sup>5</sup>Alves (2007), que divide os neologismos em quatro tipos apresentados a seguir: neologismos fonológicos, sintáticos, semânticos e neologismos por empréstimos.

<sup>6</sup>Ao nos depararmos com uma unidade léxica que é sentida como nova, é preciso analisar em que medida ela é nova, dessa maneira, Correia e Almeida (2012) definem dois tipos de novidade possíveis. O primeiro deles é a novidade formal, quando o neologismo é criado com base nos processos de formação de palavras e constitui uma forma ainda não registrada na língua. Já a novidade semântica acontece quando uma palavra já usual no léxico da língua passa a ter um novo significado.

4.4) o **significado**: definindo cada palavra também com base no contexto de utilização.

Ainda, após cada análise, será tecido um comentário a fim de explicar as definições apresentadas. Finalizadas as análises, foram reunidos os significados depreendidos de cada termo averiguado no trabalho, considerados significativos, para formação de um glossário linguístico explicativo, com intuito de facilitar a busca pelas informações de definição dos vocábulos.

Por conseguinte, após os devidos esclarecimentos a respeito da metodologia adotada nesta pesquisa, apresentamos a seguir a análise dos dados coletados.

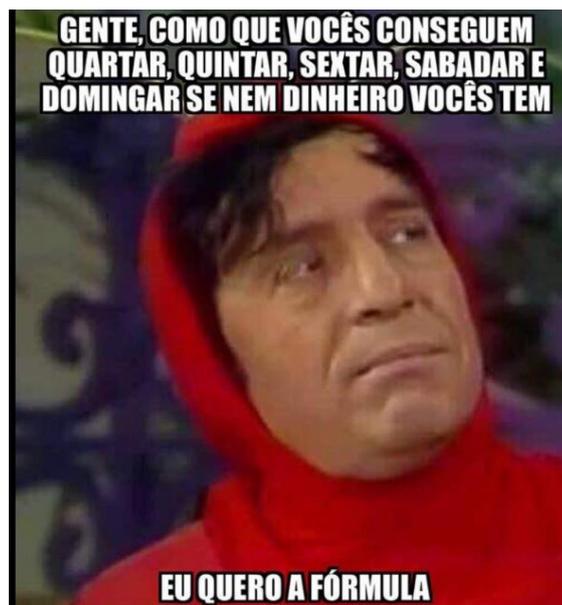
## CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 3.1 Análise dos dados

Iniciamos a análise dos neologismos de acordo com os itens descritos no tópico anterior, sendo que o significado foi formalmente atribuído no glossário linguístico explicativo. Para melhor compreensão do contexto e significados, os dados estão acompanhados da imagem (postagem) de onde foram extraídos. Na sequência, discutimos os resultados obtidos.

#### 3.1.1 – Análise 1

Figura 6 – Neologismos criados a partir dos dias da semana



Fonte: Facebook. Setembro de 2018. <sup>7</sup>

- **Neologismos:** “quartar, quintar, sextar e sabadar”
- **Processo de formação de palavra:** derivação sufixal
- **Tipo de neologismo:** quartar, sextar e sabadar: neologismo sintático  
quintar: neologismo semântico
- **Tipo de novidade:** quartar, sextar e sabadar: novidade formal  
quintar: novidade semântica

---

<sup>7</sup>Disponível em:

<https://www.facebook.com/SinceroOficial/photos/a.679883435430464/2093320560753404/?type=3&theater>

Nesse caso, temos o registro de neologismos sintáticos formados pelas palavras “quartar”, “sextar”, “sabadar”. A classificação se dá em razão de terem sido utilizados como palavras-base os substantivos quarta, quinta, sexta e sábado referentes aos dias da semana e que, devido à derivação sufixal com o acréscimo do sufixo verbal da primeira conjugação *-ar*, tiveram alteração em sua classe gramatical, acarretando em verbalização, ou seja, dando origem a novas palavras classificadas como verbos, pois o sufixo *-ar* pressupõe a existência de uma ação que apresenta relação de sentido com a palavra-base. Além disso, o acréscimo das terminações *-ar* ou *-er*, de valor verbal, contribui para a mudança da classe gramatical da palavra, como acontece nos neologismos citados, fazendo com que mude de substantivo para verbo, desempenhando, desse modo, um papel sufixal, já que uma das funções do sufixo é contribuir com tal alteração de classe gramatical do radical.

A palavra “quintar” foi considerada neologismo semântico, por ter sido encontrada nos três dicionários consultados, porém em nenhum deles a definição remetia ao sentido empregado na frase analisada, aparecendo como verbo significando 1. “repartir por cinco”, 2. “tirar a quinta parte de” e 3. “tirar um de cada série ou grupo de cinco”.

A novidade formal se dá pelo fato de as palavras trazerem significação inédita, com formas que não estão presentes em fase anterior de registro da língua, no caso de “quintar” a novidade é semântica por trazer uma nova concepção para uma palavra já registrada na língua.

As ideias sugeridas pelos termos sextar e sabadar é de demarcar o início do final de semana no sentido de “curtir” aproveitando sua passagem, seja com momentos de animação ou de descanso. Ademais, o uso de quartar e quintar expressa uma ideia acessória de que algumas pessoas aproveitam ainda mais a semana, comemorando quase todos os dias.

Ainda, cumpre salientar que a palavra “domingar” não foi considerada neologismo por estar registrada no dicionário Caldas Aulete como verbo significando “passar o domingo”, sentido que se relaciona ao empregado na imagem.

### 3.1.2 – Análise 2

Figura 7 – Neologismo criado a partir da palavra “decepção”



Fonte: Instagram. Agosto de 2018. <sup>8</sup>

- **Neologismo:** “antidecepcional”
- **Processo de formação de palavra:** derivação parassintética
- **Tipo de neologismo:** neologismo sintático
- **Tipo de novidade:** formal

Na segunda análise foi encontrado o neologismo sintático “antidecepcional”. Tal classificação é devida ao fato de ter sido utilizada como base a palavra “decepção”, substantivo já conhecido na língua portuguesa com o sentido de descontentamento.

A formação se deu por processo de derivação parassintética, pois foram acrescentados à palavra-base o prefixo latino *-des*, que indica negação, e o sufixo nominal *-al*, que indica ideia de agrupamento. Além disso, houve uma relação semântica acessória com a palavra “anticoncepcional”, método utilizado para ocorra a concepção. Desse modo, a nova palavra empregada se refere a uma maneira de não haver decepção.

A novidade formal foi determinada porque a palavra trouxe um significado novo, apresentando um formato ainda não contemplado em estágio anterior da língua portuguesa.

<sup>8</sup>Disponível em: [https://www.instagram.com/p/Bm8ni\\_OHKIK/](https://www.instagram.com/p/Bm8ni_OHKIK/)

### 3.1.3 - Análise 3

Figura 8 – Neologismo criado a partir da palavra estrangeira “storie”



Fonte: Instagram. Agosto de 2018.<sup>9</sup>

- **Neologismo:** “stories”
- **Processo de formação de palavra:** estrangeirismo
- **Tipo de neologismo:** neologismo por empréstimo
- **Tipo de novidade:** formal

Na terceira análise foi encontrado o neologismo por empréstimo “stories”. Tal classificação se deu em razão de ter sido utilizada a palavra-base “story”, pertencente à língua inglesa com o significado de “história” e também é o nome de uma ferramenta disponível em algumas redes sociais que permite que as pessoas postem imagens ou vídeos que ficam disponíveis para visualização apenas pelo prazo de 24 horas. O termo tem sido bastante utilizado em seu formato original entre os usuários das redes sociais, sem tradução ou aportuguesamento, por isso é considerado xenismo e podemos indicar como palavra formada por estrangeirismo.

Foi classificada a novidade como formal em razão de a palavra trazer significação nova, apresentando um formato ainda não registrado em fase anterior da língua portuguesa.

---

<sup>9</sup>Disponível em: [https://www.instagram.com/p/Bl\\_u9YZF9xl/](https://www.instagram.com/p/Bl_u9YZF9xl/)

### 3.1.4 - Análise 4

Figura 9 – Neologismo criado a partir do termo estrangeiro “fake new”



Fonte: Instagram. Outubro de 2018.<sup>10</sup>

- **Neologismo:** “fakenews”
- **Processo de formação de palavra:** estrangeirismo
- **Tipo de neologismo:** neologismo por empréstimo
- **Tipo de novidade:** formal

A quarta análise traz também um caso de neologismo por empréstimo. Tal classificação se deu em razão de ter sido utilizada como base a termo “fake new”, pertencente à língua inglesa podendo ser traduzido como “notícia falsa”.

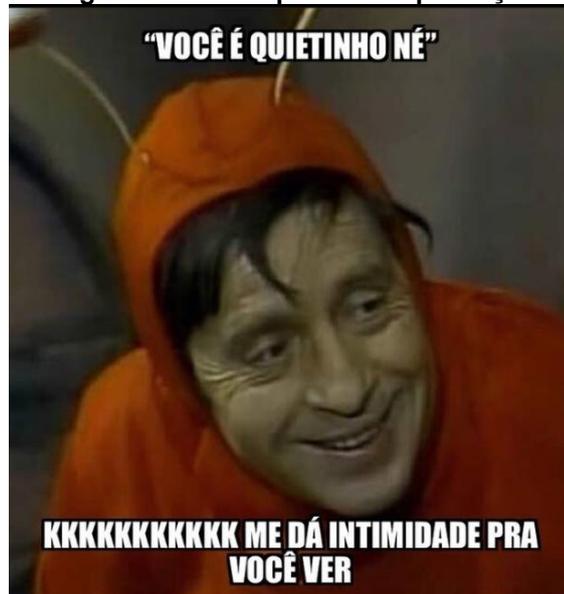
A utilização do termo se dá no contexto da imprensa que publica falsas informações nos veículos de comunicação, que, por sua vez, são reproduzidas e compartilhadas gerando uma rede de desinformação, por se tratarem de notícias que não são reais. O termo costuma ser utilizado no Brasil, como no contexto da postagem, em seu formato original para designar algo que é falso, sendo um estrangeirismo também considerado xenismo.

A novidade formal se dá em razão de a palavra trazer significação inédita, apresentando um formato que ainda não foi registrado em fase anterior da língua portuguesa.

<sup>10</sup>Disponível em: [https://www.instagram.com/p/BpNPQ\\_FHwPx/](https://www.instagram.com/p/BpNPQ_FHwPx/)

### 3.1.5 - Análise 5

Figura 10 - Neologismo criado a partir da reprodução do som “kkk”



Fonte: Instagram. Setembro de 2018.<sup>11</sup>

- **Neologismo:** “kkkkkkkkkkk”
- **Processo de formação de palavra:** criação onomatopaica
- **Tipo de neologismo:** neologismo fonológico
- **Tipo de novidade:** formal

Na quinta análise temos a ocorrência do registro “kkkkkkkkkkk”, considerada uma criação onomatopaica, pois foi formada para expressar o som de risada, formato muito comum nas redes sociais.

De acordo com Alves (2007), apesar da onomatopeia não ser uma formação completamente arbitrária, pois se baseia em alguma sonoridade, é considerada um neologismo fonológico, porque foi criada sem base em alguma palavra que já exista no sistema linguístico.

A classificação como novidade formal se deu em razão de trazer significação inédita, com um formato que ainda não foi contemplado em estágio de registro da língua portuguesa.

<sup>11</sup>Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BncQKCJnuB8/>

### 3.1.6 - Análise 6

Figura 11 – Neologismo criado a partir das palavras “Noronha” e “dinheiro”

Bruna Marquezine  @BruMarquezine

Noronhe-se



Fonte: Instagram. Outubro de 2018.<sup>12</sup>

- **Neologismos:** “noronhe-se” e “dinheiro-se”
- **Processo de formação de palavra:** derivação sufixal
- **Tipo de neologismo:** neologismo sintático
- **Tipo de novidade:** formal

Nesse meme são apresentados dois neologismos sintáticos representados por “noronhe-se” e “dinheiro-se”. Tais expressões foram consideradas neologismos sintáticos, pois sua criação ocorreu a partir da combinação de elementos já existentes na língua.

Nessas situações, o substantivo próprio “Noronha”, nome de um arquipélago brasileiro, e o substantivo comum “dinheiro” sofreram mudança de classe gramatical devido ao acréscimo do pronome oblíquo reflexivo -se, considerado nessa situação como sufixo, levando-se em conta não haver nenhuma menção na literatura a respeito desse tipo de ocorrência. No caso citado, as palavras-base, que eram elementos antepositivos de bases presas, foram transformados em verbos, tendo em vista que, conforme Basilio (2013, p. 28) “na sufixação temos a estrutura [[base]] sufixo]x, em que o sufixo determina a categoria lexical X da palavra resultante”. Desse modo, o sufixo foi responsável pela mudança de classe dos radicais mencionados, acarretando em verbalização.

<sup>12</sup>Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpHYKvpHR5s/>

A motivação para tais criações foi uma postagem da atriz Bruna Marquezine em que ela aparece no mar de Fernando de Noronha sugerindo ao público que também visite e desfrute das belezas do lugar, criando o termo “noronhe-se”. Por conseguinte, termo virou meme, com várias postagens de usuários das redes sociais propondo formações neológicas semelhantes, como “campo grande-se”. Com base nesse contexto a página “Sincero Oficial” lançou o vocábulo “dinheiro-se” como maneira de humorizar a situação ao expor que para “noronhar-se” é necessário possuir alguma verba, devido aos valores cobrados na região.

A inovação trazida pelas palavras tanto na grafia como na significação possibilitou o reconhecimento da novidade como formal, pois os modelos não haviam ainda sido registrados na língua.

### 3.1.7 - Análise 7

Figura 12 - Neologismo criado a partir da palavra “falsa”



Fonte: Instagram. Outubro de 2018.<sup>13</sup>

- **Neologismo:** “falsiane”
- **Processo de formação de palavra:** palavra-valise ou cruzamento vocabular
- **Tipo de neologismo:** neologismo sintático
- **Tipo de novidade:** formal

Nesse exemplo temos o exemplo da formação “falsiane”, definida como neologismo sintático por ser uma palavra nova construída por itens já existentes na língua portuguesa. Como palavras-base para essa construção foram usados o substantivo “falsa” e o formação

<sup>13</sup>Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BomkLLiHcL7/>

“iane”, que representa uma terminação de nomes próprios femininos, como Viviane, Juliane, Mariane, entre outros. Nosso entendimento é de que o processo utilizado em tal formação foi o cruzamento vocabular, tendo em vista que as duas bases perderam partes de seus elementos ao se juntarem, sendo que a palavra “falsa” perdeu a desinência de gênero e “iane” perdeu o que poderia ser considerado seu radical.

Em relação ao significado, entende-se que seja uma característica atribuída a pessoa que demonstra algum comportamento falso, sendo que essa terminação (-iane) pode gerar inúmeros outros neologismos com o acréscimo de outros adjetivos como elemento anteposto.

A novidade é formal por apresentar definição inédita, com um formato ainda não atestado em estágio de registro da língua portuguesa.

### 3.1.8 - Análise 8

Figura 13- Neologismo criado a partir da palavra estrangeira “stalker”



Fonte: Instagram. Março de 2019.<sup>14</sup>

- **Neologismo:** “stalkear”
- **Processo de formação de palavra:** empréstimo com derivação sufixal
- **Tipo de neologismo:** neologismo por empréstimo
- **Tipo de novidade:** formal

Nessa situação temos um neologismo por empréstimo em que foi utilizada como palavra-base o termo “stalker”, pertencente à língua inglesa podendo ser traduzido como “perseguidor”. Não se trata de estrangeirismo, tendo em vista que o termo não foi

<sup>14</sup>Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BvMwPMGAKu0/>

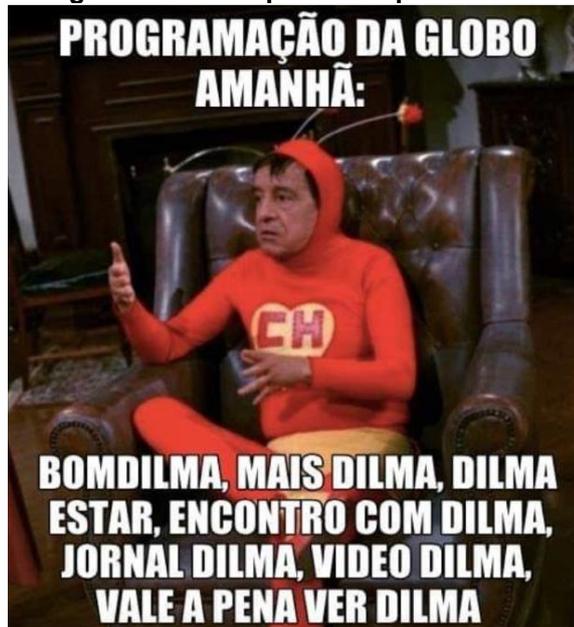
apresentado de maneira idêntica à língua de origem, pois houve um aportuguesamento, com a inclusão do sufixo verbal *-ar*, formador de verbos. Se levarmos ao pé da letra o neologismo poderia significar “ato de perseguir”, porém, no contexto das redes sociais é utilizado para designar a prática de “cuidar” da vida de outros usuários por meio de observação sistemática de suas ações no ambiente virtual.

A utilização do termo se dá no contexto da imprensa que publica falsas informações nos veículos de comunicação, que, por sua vez, são reproduzidas e compartilhadas gerando uma rede de desinformação, por se tratarem de notícias que não são reais. O termo costuma ser utilizado no Brasil, do mesmo modo que no contexto da postagem, em seu formato original para designar algo que é falso, por isso também é considerado xenismo.

Temos novamente uma novidade formal, pois a palavra nova tem significado inédito, apresentando um formato que ainda não foi registrado em fase anterior da língua portuguesa.

### 3.1.9 - Análise 9

Figura 14 – Neologismo criado a partir das palavras “bom dia e Dilma”



Fonte: Facebook. Outubro de 2014.<sup>15</sup>

- **Neologismo:** “bomdilha”
- **Processo de formação de palavra:** palavra-valise ou cruzamento vocabular
- **Tipo de neologismo:** neologismo sintático
- **Tipo de novidade:** formal

<sup>15</sup>Disponível em:

<https://www.facebook.com/SinceroOficial/photos/p.757118924373581/757118924373581/?type=1>

Por trazer a combinação de elementos já existentes na língua, temos nesse exemplo um caso de neologismo sintático formado a partir de um cruzamento vocabular em que serviram como palavras-base a expressão “bom dia” e o substantivo próprio “Dilma”. Nesse caso, apenas uma das palavras-base sofreu redução perdendo parte de seus elementos, já que na expressão “bom dia” o vocábulo “dia” foi substituído pelo nome “Dilma”, transformando-se no neologismo “bomdilma”.

Podemos inferir, a partir das informações escritas no meme e da data da postagem, que o significado da nova palavra está relacionado à vitória da ex-presidente Dilma Rouseff nas eleições de 2014. O post humoriza a situação em que a Rede Globo de Televisão faria uma programação inteiramente voltada à cobertura de fatos relacionados à presidente eleita.

Temos o emprego da novidade formal, pois o neologismo é inédito, com um formato ainda não atestado em estágio de registro da língua portuguesa.

### 3.1.10 - Análise 10

Figura 15 - Neologismo criado a partir da palavra “amor”



Fonte: Facebook. Maio de 2018.<sup>16</sup>

- **Neologismo:** “mozão”
- **Processo de formação de palavra:** redução/derivação sufixal
- **Tipo de neologismo:** neologismo sintático

<sup>16</sup>Disponível em:

<https://www.facebook.com/SinceroOficial/photos/p.1901897576562371/1901897576562371/?type=1>

➤ **Tipo de novidade:** formal

O referido exemplo é um caso incomum, também não comentado na literatura, em que o processo de formação da palavra se deu por uma redução seguida de derivação sufixal. A partir da palavra-base “amor” ocorreu uma redução criando a palavra em “mô”, uma economia linguística indicativa de intimidade. A esse resultado foi adicionado o sufixo nominal aumentativo -ão, resultando em “mozão”.

Quanto à tipologia trata-se de neologismo sintático, visto que se utiliza de formatos já existentes da língua para criar uma nova palavra. Em relação ao significado, é utilizado com a finalidade de nomear de uma forma carinhosa uma pessoa por quem se tem muito amor.

Verifica-se a novidade formal, pois o resultado neológico é inédito, não tendo sido atestado em estágio de registro da língua portuguesa.

### 3.1.11 - Análise 11

Figura 16 – Neologismo criado a partir da palavras estrangeira “crush”



Fonte: Instagram. Junho de 2018.<sup>17</sup>

- **Neologismo:** “crush”
- **Processo de formação de palavra:** estrangeirismo
- **Tipo de neologismo:** neologismo por empréstimo
- **Tipo de novidade:** formal

<sup>17</sup>Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BjhuoMqHR1b/>

Nesse exemplo o neologismo por empréstimo verificado se deu em razão da utilização da palavra “crush”, importada da língua inglesa em seu formato original, sem qualquer adaptação, podendo ser traduzida “paixão intensa e passageira”. A expressão se tornou usual entre os jovens para definir uma situação de interesse em alguém, uma paixão passageira ou mesmo um amor platônico.

Ainda, é identificado o uso de estrangeirismo, em razão de ter sido usado o termo da mesma maneira como se apresenta na língua inglesa, por isso é considerado xenismo e a formação se deu por estrangeirismo.

A novidade formal ocorre em razão de a palavra trazer significação inédita, apresentando um formato que ainda não foi registrado em fase anterior da língua portuguesa.

### 3.1.12 - Análise 12

Figura 17 - Neologismo criado a partir da palavra “contato”



Fonte: Facebook. Outubro de 2018. <sup>18</sup>

- **Neologismo:** “contatinho”
- **Processo de formação de palavra:** derivação sufixal
- **Tipo de neologismo:** neologismo semântico
- **Tipo de novidade:** semântica

<sup>18</sup>Disponível em:

<https://www.facebook.com/SinceroOficial/photos/a.351131528305658/2119523074799819/?type=3&theater>

Nessa análise foi encontrado o neologismo semântico “contatinho”. Tal classificação é devido ao fato de ter sido utilizada como base a palavra “contato”, substantivo já registrado na língua portuguesa.

Nos dicionários consultados foi encontrada a entrada da palavra com o sentido de ligação, convívio ou vínculo, porém em nenhum foi encontrado no sentido utilizado na postagem em questão e comum entre os jovens nas redes sociais, designando um sinônimo de “pessoa disponível para paquera”. Nesse contexto, pela imagem no meme percebe-se que a pessoa considerada possuidora de muitos pretendentes, ou “cheia de contatinhos”, na verdade não tem nenhum.

A formação se deu por processo de derivação sufixal, uma vez que foi acrescentado à palavra-base “contato”, o sufixo nominal *-inho* que indica o grau diminutivo, por isso a nova palavra empregada transformou uma unidade léxica já conhecida e registrada na língua, atribuindo-lhe um novo significado, por isso dizemos que a novidade é semântica.

### 3.1.13 - Análise 13

Figura 18 - Neologismo criado a partir da palavra estrangeira “bad”



Fonte: Facebook. Novembro de 2018. <sup>19</sup>

- **Neologismo:** “bad”
- **Processo de formação de palavra:** estrangeirismo
- **Tipo de neologismo:** neologismo por empréstimo
- **Tipo de novidade:** formal

<sup>19</sup>Disponível em:

<https://www.facebook.com/SinceroOficial/photos/p.2149492665136193/2149492665136193/?type=1>

Nessa situação temos um neologismo por empréstimo a partir da utilização da palavra pertencente à língua inglesa “bad” podendo ser traduzido como algo ruim ou mau. Percebemos o uso de estrangeirismo, tendo em vista que o termo foi apresentado de maneira idêntica à língua de origem.

A utilização do xenismo se dá no mesmo sentido da língua original. Assim, “estar na bad” demonstra uma forma de dizer que se está mal ou na pior.

Temos novamente uma novidade formal, pois o neologismo tem significado inédito, apresentando um formato que ainda não foi registrado em fase anterior da língua portuguesa.

### 3.1.14 - Análise 14

Figura 19 - Neologismo criado a partir de siglas



Fonte: Facebook. Dezembro de 2013.<sup>20</sup>

- **Neologismo:** “sqn”
- **Processo de formação de palavra:** siglagem
- **Tipo de neologismo:** neologismo sintático
- **Tipo de novidade:** formal

SQN é uma expressão neológica formada por siglagem em o significado da sigla é a expressão “só que não”. Na siglagem, segundo Alves (2007), ocorre a redução de sintagmas com a finalidade de tornar mais simples e eficiente o processo de comunicação, porém, no contexto empregado no meio digital, o termo se assemelha a um recurso estilístico, sendo

<sup>20</sup>Disponível em:

<https://www.facebook.com/search/posts/?q=sqn&epa=FILTERS&filters=eyJycF9hdXRob3liOiJ7XCJucyYw1lXCI6XCJhdXRob3JclixclmFyZ3NcljpcjM1MTEyNjczMTYzOTQ3MVwifSJ9>

usado apenas na escrita, pois na leitura costuma ser pronunciado no seu formato completo e não apenas pelas iniciais.

Tal expressão é usada para contradizer algo que já foi dito, com resquícios de ironia ou sarcasmo, portanto dizer que acredita “sqn”, significa dizer que, na verdade, não acredita, conforme aparece na imagem.

É considerado um neologismo sintático, pois, apesar de ser formado com base em palavras existentes na língua, da forma como é empregado (utilizando sigla) é um registro novo, ainda não atestado em estágio anterior, por isso também a novidade é classificada como formal.

### 3.1.15 - Análise 15

Figura 20 - Neologismo criado a partir da palavra “ver”



Fonte: Facebook. Fevereiro de 2016. <sup>21</sup>

- **Neologismo:** “desver”
- **Processo de formação de palavra:** derivação prefixal
- **Tipo de neologismo:** neologismo sintático
- **Tipo de novidade:** formal

<sup>21</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/SinceroOficial/posts/1035487606536710:0>

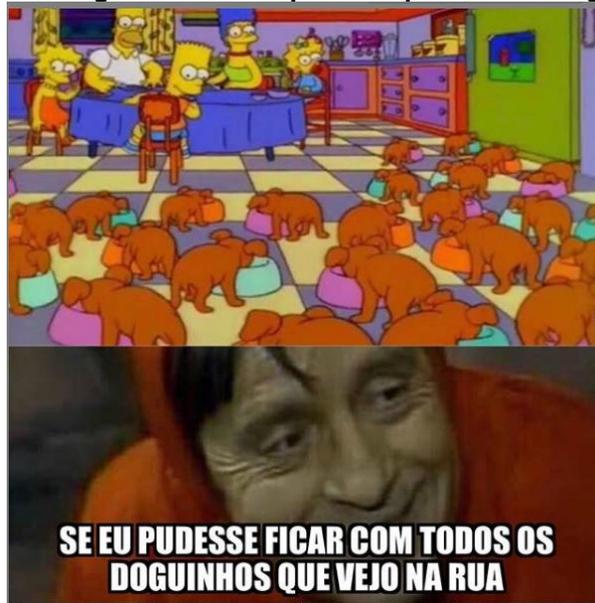
No caso citado temos a ocorrência do termo “desver”, considerada neologismo sintático, pois sua criação ocorreu a partir da combinação de elementos já existentes na língua.

Nessa situação, o verbo “ver”, sinônimo de olhar ou perceber pelo sentido da visão, sem alteração da classe gramatical, teve acréscimo do prefixo de origem latina -des. A inclusão desse prefixo fornece à palavra-base a ideia de negação ou contrariedade. Desse modo, com a prefixação formou-se o verbo “desver” que indica o desejo de deixar de ver algo já visualizado.

A inovação trazida por essa forma verbal classifica a novidade como formal, pois o modelo não havia ainda sido atestado em fase anterior de registro da língua.

### 3.1.16 - Análise 16

Figura 21 - Neologismo criado a partir da palavra estrangeira “dog”



Fonte: Instagram. Junho de 2018. <sup>22</sup>

- **Neologismo:** “doguinhos”
- **Processo de formação de palavra:** empréstimo com derivação sufixal
- **Tipo de neologismo:** neologismo por empréstimo
- **Tipo de novidade:** formal

Nessa situação temos um neologismo por empréstimo em que foi utilizada como base a palavra “dog”, pertencente à língua inglesa, que significa “cachorro”. Não classificamos como estrangeirismo, tendo em vista que o termo não foi apresentado de

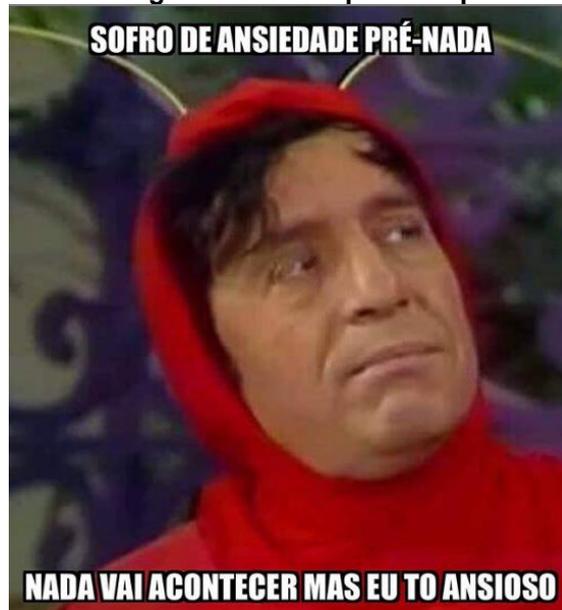
<sup>22</sup>Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BjspjO6D45U/>

maneira idêntica à língua de origem, pois houve um aportuguesamento, com a inclusão do sufixo nominal *-inho*, formador de palavras no grau diminutivo. Desse modo, o neologismo apresenta o significado de “cachorrinhos”.

Temos mais um caso de novidade formal, pois a palavra nova tem significado inédito, apresentando um formato ainda não registrado em fase anterior da língua portuguesa.

### 3.1.17 - Análise 17

Figura 22 - Neologismo criado a partir da palavra “nada”



Fonte: Instagram. Setembro de 2019. <sup>23</sup>

- **Neologismo:** “pré-nada”
- **Processo de formação de palavra:** derivação prefixal
- **Tipo de neologismo:** neologismo sintático
- **Tipo de novidade:** formal

Aqui encontramos a forma “pré-nada”, considerada neologismo sintático, pois sua criação ocorreu a partir da combinação de elementos já existentes na língua.

Nesse caso, o pronome indefinido “nada”, sinônimo de “coisa alguma”, teve acréscimo do prefixo de origem latina *-pré*. A inclusão desse prefixo fornece à palavra-base a ideia de “algo que vem antes”. Dessa maneira, com a prefixação o neologismo formado tem o significado de “antes de nada” e dizer que se sofre de ansiedade pré-nada é o mesmo

<sup>23</sup>Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B170tECFDXm/>

que dizer que se sofre por antecedência, pois nada irá acontecer, como demonstrado no texto do meme.

A inovação trazida é classificada como novidade como formal, pois o modelo não havia ainda sido atestado em fase anterior de registro da língua.

### 3.1.18 - Análise 18

Figura 23 - Neologismo criado a partir da palavra estrangeira “to like”



Fonte: Instagram. Agosto de 2019.<sup>24</sup>

- **Neologismo:** “like”
- **Processo de formação de palavra:** estrangeirismo
- **Tipo de neologismo:** neologismo por empréstimo
- **Tipo de novidade:** formal

Nesse caso temos a ocorrência de neologismo por empréstimo a partir do verbo pertencente à língua inglesa “like” podendo ser traduzido como “gostar”. Percebemos o uso de estrangeirismo, tendo em vista que o termo foi apresentado de maneira idêntica à língua de origem.

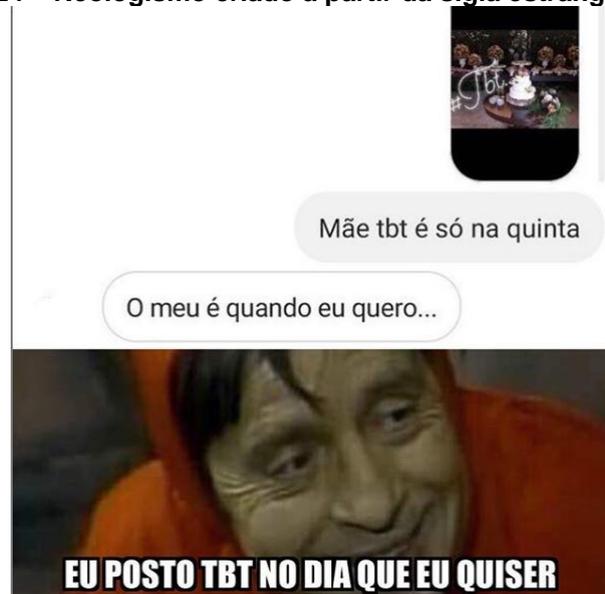
A utilização do xenismo se dá no mesmo sentido da língua original. Nesse caso, “like”, significa gostar. Nas redes sociais “dar um like” é utilizado como forma de demonstrar que gostou, curtiu a publicação e “tirar o like” seria como “retirar sua curtida/opinião”.

Temos novamente uma novidade formal, pois o neologismo tem significado inédito, apresentando um formato que ainda não foi registrado em fase anterior da língua portuguesa.

<sup>24</sup>Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B1HSi9TIQK5/>

### 3.2.19 - Análise 19

Figura 24 – Neologismo criado a partir da sigla estrangeira “tbt”



Fonte: Instagram. Julho de 2019. <sup>25</sup>

- **Neologismo:** “tbt”
- **Processo de formação de palavra:** siglagem
- **Tipo de neologismo:** neologismo por empréstimo
- **Tipo de novidade:** formal

Diferente do caso anterior de siglagem, TBT é uma expressão neológica formada por sigla que se origina de uma expressão da língua inglesa “*throwback thursday*”, que traduzida literalmente seria algo como “quinta-feira do retorno”, no entanto, trata-se na verdade de uma maneira de referenciar um tipo de publicação que remete a tempos antigos ou que não é atual. Geralmente nessa “brincadeira” a publicação deve ser feita na quinta-feira, o que explica a origem do nome.

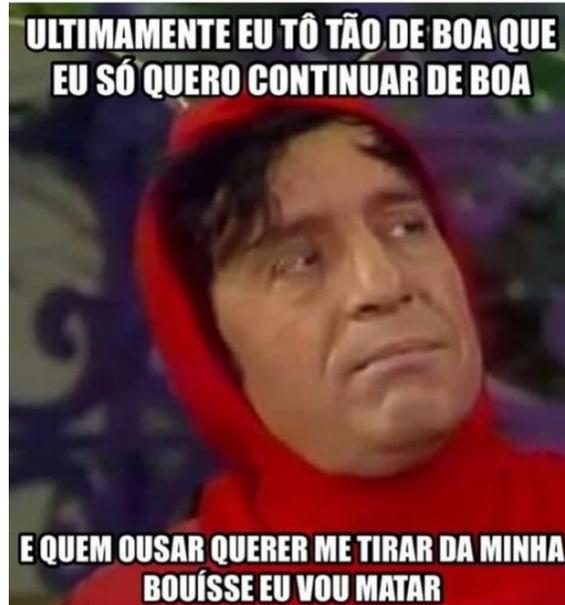
Na leitura, o termo costuma ser pronunciado apenas pelas iniciais da sigla e dessa forma é que se popularizou entre os usuários das redes sociais.

É considerado um neologismo por empréstimo, pois foi formado com base em palavra outra língua. Quanto à novidade, é classificada como formal por ser um registro novo, ainda não atestado em estágio anterior.

<sup>25</sup>Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B0IQQ72IPDZ/>

### 3.1.20 - Análise 20

Figura 25 - Neologismo criado a partir da palavra “bom”



Fonte: Facebook. Junho de 2017. <sup>26</sup>

- **Neologismo:** “bouísse”
- **Processo de formação de palavra:** derivação sufixal
- **Tipo de neologismo:** neologismo sintático
- **Tipo de novidade:** formal

No exemplo exposto temos a formação “bouísse”, definida como neologismo sintático por ser uma palavra nova construída a partir de elementos disponíveis na língua portuguesa. Como palavra-base para essa construção foi usado o adjetivo “bom”. Por meio do processo de derivação sufixal, foi acrescentado o sufixo *-ice* (grafado no texto com *ss*). Tendo em vista que essa terminação (*-ice*) indica qualidade, e citando como exemplo a palavra “chatice” que tem o mesmo processo de formação e designa “qualidade de quem/do que é chato”, “bouísse” pode significar uma característica atribuída a pessoa que demonstra um bom comportamento ou, no caso da postagem, um sinônimo da palavra “bondade”.

A novidade é formal por apresentar definição inédita, com um formato ainda não atestado em estágio de registro da língua portuguesa.

<sup>26</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/SinceroOficial/posts/1483694741715992:0>

### 3.1.21 - Análise 21

Figura 26 – Neologismo criado a partir do nome Enzo



Fonte: Facebook. Janeiro de 2018. <sup>27</sup>

- **Neologismo:** “enzo”
- **Processo de formação de palavra:** derivação imprópria
- **Tipo de neologismo:** neologismo semântico
- **Tipo de novidade:** semântica

No presente caso foi encontrado o neologismo semântico “enzo”. Apesar de não registrada nos dicionários consultados, por se tratar de substantivo próprio, o neologismo foi considerado semântico por já ser uma forma usual existente na língua.

A derivação foi registrada como imprópria, pois nesse caso houve alteração dentro da classe gramatical, passando de substantivo próprio a substantivo comum, sem que a palavra primitiva fosse alterada.

O termo “enzo” vem sendo utilizado no ambiente virtual com vistas a designar crianças do sexo masculino, em oposição à “valentina” que representa o sexo feminino, tendo em vista a popularização desses nomes em bebês nos últimos anos.

Ademais, a nova palavra empregada transformou uma unidade léxica já conhecida e registrada na língua, atribuindo-lhe um novo significado, por isso dizemos que a novidade é semântica.

<sup>27</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/SinceroOficial/posts/1752565808162216>

### 3.1.22 - Análise 22

Figura 27 – Neologismo criado a partir das palavras “sobancelha e apagar”



Fonte: Instagram. Março de 2019. <sup>28</sup>

- **Neologismos:** “sobancelhaapagano”
- **Processo de formação de palavra:** composição por justaposição
- **Tipo de neologismo:** neologismo sintático
- **Tipo de novidade:** formal

Temos nesse exemplo um caso de neologismo sintático formado a partir da composição por justaposição em que serviram como palavras-base o substantivo comum “sobancelha” e o verbo no gerúndio “apagando” (grafado no texto como “apagano”). Nesse caso, nenhuma uma das palavras-base sofreu redução perdendo parte de seus elementos, pois ocorreu apenas a junção das duas unidades lexicais, formando um novo termo.

Em relação à significação, o meme satiriza duas situações. A primeira é em relação ao uso de maquiagem na área das sobancelhas para deixá-las melhor definidas, mas que não são resistentes à chuva, por exemplo. A segunda é uma tentativa de reproduzir um áudio que virou também um meme à época dessa postagem, em que uma criança dispara a frase “aqui tá chovendo e repangalejando”.

Temos o emprego da novidade formal, pois o neologismo é inédito, com um formato ainda não atestado em estágio de registro da língua portuguesa.

<sup>28</sup>Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BujkDelgRfd/>

### 3.1.23 - Análise 23

Figura 28 - Neologismo criado a partir das palavras estrangeiras “after e before”



Fonte: Instagram. Janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B7Up3SNILKN/>

- **Neologismos:** “after” e “before”
- **Processo de formação de palavra:** estrangeirismo
- **Tipo de neologismo:** neologismo por empréstimo
- **Tipo de novidade:** formal

Nessa situação temos a ocorrência de neologismos por empréstimo a partir das palavras originárias da língua inglesa “after” e “before”, que, traduzidas, significam “depois e “antes”, respectivamente. Ocorre a incidência de estrangeirismo, pois os termos foram empregados de maneira idêntica à língua de origem.

Também se trata de xenismo, devido ao formato em que foram utilizadas as palavras. Nesse sentido, no contexto em que aparece na imagem, “after” indica uma comemoração que acontece depois de algo, que pode ser depois do trabalho, depois da aula ou mesmo depois de uma festa. “Before” seria o evento de antes dessa comemoração. Assim, o personagem declara que não poderia comparecer à reunião de comemoração, pois, antes mesmo dela acontecer, já se sente cansado para ir.

Temos novamente uma novidade formal, pois o neologismo tem significado inédito, apresentando um formato que ainda não foi registrado em fase anterior da língua portuguesa.

### 3.2 Análise quantitativa dos dados e discussão dos resultados

A análise realizada em cada meme nos forneceu dados fundamentais em relação aos processos de formação de palavras, os tipos de neologismos e tipo de novidade das unidades lexicais neológicas mais típicos no contexto estudado. Com vista a facilitar a exposição de cada um, faremos tabelas demonstrativas relacionadas a cada item, como pode ser observado a seguir:

**Tabela 2 - Processos de formação de palavras**

PROCESSO DE FORMAÇÃO DA PALAVRA		QUANTIDADE
Derivação	Derivação sufixal	11
	Derivação prefixal	2
	Derivação parassintética	1
	Derivação imprópria	1
Estrangeirismo <sup>29</sup>		7
Siglagem		2
Cruzamento vocabular		2
Redução		1
Criação onomatopaica		1
Composição	Composição por justaposição	1
<b>TOTAL DE NEOLOGISMOS ANALISADOS</b>		<b>28</b>

De acordo com as informações coletadas, expressas na tabela, percebemos que, do total de 28 neologismos analisados, cinquenta por cento, isto é, 15, foram formados pelo processo de derivação, representando o processo principal entre os itens coletados no *corpus*. Desses, 11 formaram-se por derivação sufixal, 2 por derivação prefixal, 1 por derivação parassintética e 1 por derivação imprópria.

Na derivação, os sufixos *-ar*, formador de verbos, e *-inho*, formador de palavras no grau diminutivo, destacaram-se por aparecerem mais de uma vez, sendo 5 ocorrências do

<sup>29</sup> O estrangeirismo foi utilizado para designar o processo de formação nos neologismos por empréstimo, tendo em vista que esses vocábulos foram introduzidos na língua portuguesa sem qualquer adaptação, por isso foi incluído na tabela para designar o quantitativo dessa ocorrência.

primeiro e 2 do segundo. Ainda, foram encontradas 2 formações por derivação prefixal e apenas um caso de derivação parassintética.

Em segundo lugar, a forma mais utilizada nos neologismos foi o estrangeirismo. Em relação ao processo de formação das palavras estrangeiras, Carvalho (2002, p. 60) argumenta “o empréstimo não se constitui uma criação linguística no sentido real do termo, pois a novidade do mundo extralinguístico não acionou a criatividade do falante. Ele apenas acomodou ou adaptou a seu sistema um elemento de um sistema diverso”. Nos casos de neologismos por empréstimos não houve formação da palavra por meio de um dos processos anteriormente apresentados, por isso diz-se que são formações por estrangeirismo. Por isso, cumpre salientar, que neste estudo foram consideradas apenas as palavras puramente estrangeiras, utilizadas de maneira idêntica à língua de origem, que, no caso das palavras encontradas foi o inglês.

A siglagem e o cruzamento vocabular apareceram com 2 ocorrências cada. A composição foi identificada apenas uma vez, aparecendo apenas no tipo justaposição. Ainda, a redução foi identificada uma vez e apareceu em conjunto com outro processo, ou seja, a mesma palavra sofreu dois processos até chegar a seu formato final.

Desse modo, conforme apontam os resultados, podemos afirmar que a derivação foi o processo mais representativo, confirmando as indicações de Khedi (1997) e Correia e Almeida (2012) que o consideram o processo mais disponível para a formação de palavras, não apenas em língua portuguesa, mas em outras também.

Observemos a tabela 3, em que foram quantificados os tipos de neologismos encontrados:

**Tabela 3 - Tipos de neologismos**

TIPO DE NEOLOGISMO	QUANTIDADE
Neologismo sintático	14
Neologismo por empréstimo	10
Neologismo semântico	3
Neologismo fonológico	1

Em relação à tipologia dos neologismos analisados, foram encontradas 14 ocorrências do tipo sintático, que são os criados a partir da combinação de elementos que já existem no sistema linguístico português, 10 ocorrências de neologismo por empréstimo, que se formam com base em palavras estrangeiras, 3 neologismos do tipo semântico, que caracteriza-se pelo acréscimo de sentido a uma palavra já registrada na língua e 1 do tipo fonológico, representando as palavras que se formam com significante inédito.

A quantidade maior de neologismos sintáticos já era previsível, tendo em vista a literatura consultada no desenvolvimento da parte teórica da pesquisa já apontar para esse fato, no entanto, o número de neologismos por empréstimo foi maior que o esperado, demonstrando que o público usuário das redes sociais apresenta forte tendência a introduzir palavras estrangeira no nosso sistema linguístico, principalmente as de origem na língua inglesa.

A última tabela aponta os tipos de novidade observados na análise do *corpus*, conforme segue:

**Tabela 4 - Tipos de novidade**

TIPO DE NOVIDADE	QUANTIDADE
Novidade formal	25
Novidade semântica	3

No que diz respeito à novidade, a maior quantidade encontrada foi do tipo formal, em que se formam novas unidades lexicais inéditos, com um formato não atestado em estágio anterior de registro da língua. Esse tipo de novidade é mais comum em construções que utilizam a derivação, composição, siglas e palavras importadas, os empréstimos, por isso, devido à grande quantidade da ocorrência desses processos, era esperado que a novidade formal também se apresentasse em maior número.

A novidade semântica, quando o neologismo é formado com base em uma palavra já existente que adquire um novo significado sem que haja mudança estrutural, foi percebida em 3 vocábulos, expressando pouca produtividade no ambiente analisado.

### **3.3 Glossário linguístico explicativo a partir dos neologismos analisados**

Tendo em vista o fato de os neologismos possuírem caráter inovador e singular, é comum que causem estranhamento quando não conhecidos. O presente glossário tem o objetivo elucidar o significado dos itens lexicais neológicos apresentados no *corpus* da pesquisa de forma objetiva e clara, com vistas a facilitar a consulta específica às definições dessas palavras. Salientamos que tais esclarecimentos foram elaborados com base no contexto de utilização das palavras nos ambientes virtuais analisados e não possuem intenção normatizadora das terminologias.

A seguir, elencamos o neologismo com sua definição ao lado:

- **after** - do inglês “depois”, indica uma comemoração que acontece depois de algo, que pode ser depois do trabalho, depois da aula ou mesmo depois de uma festa.

- **antidecepcional**- 1. que não se pode decepcionar. 2. forma de não gerar decepção.
- **bad** - situação ruim.
- **before** - do inglês “antes”, o evento que antecede uma comemoração.
- **bomdilha** - junção das palavras “bom dia” e “Dilma”, com finalidade estilística.
- **bouísse** - 1. sinônimo de bondade. 2. qualidade do que/de quem é bom.
- **contatinho** - pessoa disponível para paquera.
- **crush** - pessoa de quem se gosta ou que se tem ou pretende ter algum relacionamento afetivo.
- **desver** - desejo de deixar de ver algo que já foi visualizado.
- **dinheiro-se** - recurso estilístico usado em substituição à palavra dinheiro.
- **doguinhos** - o mesmo que “cachorrinhos”.
- **enzo** - forma de chamamento atribuída a crianças do sexo masculino.
- **fakenews** - notícias falsas replicadas por meio das mídias, principalmente digitais.
- **falsiane** - aquela que é apresenta comportamento com traços de falsidade.
- **kkkkkkkkkk** - onomatopeia indicadora de risada.
- **like** - sinônimo de curtir usado nas redes sociais.
- **mozão** - maneira afetuosa de denominar a pessoa com quem se tem relacionamento afetivo.
- **noronhe-se** - forma verbal que sugere o aproveitamento das maravilhas de Fernando de Noronha.
- **pré-nada** - sinônimo de “antes de nada”.
- **quartar, quintar, sextar e sabadar** - expressões usadas para se referir ao fato de que esse dia deve ser aproveitado de alguma forma.
- **sobrancelhaapagano** - junção das palavras “sobrancelha” e “apagando”, com finalidade estilística.
- **sqn** - sigla da expressão “sqn”, usada para contradizer algo que já foi dito.
- **stalkear** - ato de vigiar alguém utilizando as redes sociais.
- **stories** - ferramenta disponível em alguma redes sociais que permite aos usuários postar imagens ou vídeos que ficam disponíveis para visualização por 24 horas.
- **tbt** - sigla da expressão inglesa “*throwback thursday*” (quinta-feira do retorno), forma de referenciar uma publicação nas redes sociais que remete a tempos antigos ou que não é atual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O léxico, como manifestação do sistema linguístico, é constantemente ampliado em razão das mudanças que acontecem na língua. Isso porque, o rápido desenvolvimento da sociedade é refletido na fala e, conseqüentemente, é levado para a escrita, demonstrando a capacidade de produtividade e renovação lexical. As necessidades sociolinguísticas dos falantes são o ponto de partida em tais transformações.

Nesse sentido, o *corpus* de extração foi reunido a partir de textos escritos e publicados em ambientes online conhecidos como redes sociais. A pesquisa confirmou a ideia de que compreender o desenvolvimento da escrita em ambientes interativos online é um importante registro linguístico social dos dias atuais, por tratar-se de uma linguagem que retrata a fala popular, já que atualmente as redes sociais são utilizadas por pessoas de todas as idades, classes sociais e lugares do país. Logo, é devido à interação existente nas redes sociais, com troca de informações que levam ao entendimento dos diferentes tipos de registros escritos, que podemos comparar esses ambientes às comunidades de fala, em que os usuários praticam o uso da língua a todo o momento.

A escolha do gênero digital meme possibilitou o estudo desse artefato tão disponível e comum no cotidiano dos usuários da internet e que, apesar de alguns desses escritos serem registrados de forma incorreta do ponto de vista da gramática normativa, esse pode ser um importante ponto-chave para o trabalho desse gênero emergente da tecnologia digital nas escolas de ensino regular, pois a partir deles o professor pode trabalhar no sentido de desenvolver nos alunos a competência lexical com um olhar analítico buscando identificar a variação da língua e saber usá-la adequadamente em diferentes contextos comunicativos.

Ademais, nos vocábulos analisados foi possível observar a renovação lexical e perceber como acontece a formação dos neologismos no meio digital. A análise revelou 28 novas palavras ainda não dicionarizadas na língua portuguesa e, desse total, o processo mais disponível para formar palavras encontrado foi a derivação, sendo que de todas as palavras analisadas, 14 foram criadas dessa forma, e ainda, na derivação o maior número de registros foi por acréscimo de sufixo a uma palavra-base, que na maioria dos casos resultou em formação de verbos e substantivos.

Os parâmetros utilizados para identificar se tratavam-se ou não de neologismos foram o sentimento de novidade, que permitiu a seleção das palavras com base na familiaridade com tais vocábulos levando em consideração o contexto de utilização, e a consulta ao *corpus* de exclusão, formado por três dicionários escolhidos previamente, sendo esse o segundo critério, chamado de lexicográfico.

Das 35 palavras selecionadas a princípio, 28 se confirmaram como neologismos, pois as demais tinham definição registrada em pelo menos um dos dicionários e por isso foram desclassificadas para o estudo. Após a reunião dos dados, iniciou-se a análise buscando verificar quatro itens principais: o processo utilizado na formação da palavra, a tipologia do neologismo, de acordo com a classificação de Alves (2007), o tipo de novidade apresentada por cada unidade e a compreensão do significado nas circunstâncias em que foi utilizada.

Como resultado, na maioria dos casos todos os itens foram identificados e em todas análises foi realizada uma pesquisa ao manual de gramática de Cegalla (2008) para confirmar questões ligadas à morfologia das palavras averiguadas, o que foi de fundamental importância para que se pudesse chegar à conclusão em relação ao uso de cada um dos vocábulos neológicos.

Em alguns casos os neologismos pareciam não se enquadrar em nenhum dos processos de formação de palavras, principalmente quando eram empréstimos, que tem base em palavras estrangeiras, que podem ou não ter sofrido “aportuguesamento”, o que exigiu um olhar mais atento em relação à palavra-base, para atribuição de uma classificação.

Percebemos, portanto, que as unidades neológicas formadas pelos usuários das redes sociais estão relacionadas à situação sociocomunicativa em que estão inseridos e na maior parte dos casos são inovadoras em relação à grafia apresentada, mesmo que em alguns apresente novidade no sentido em que são empregadas.

Nessa perspectiva, a análise das novas unidades lexicais observadas neste estudo evidenciou essa dinamicidade da língua como recurso expressivo na comunicação, pois mostrou que em diferentes contextos, os usuários sempre encontram uma maneira de buscar a inovação, pois são dotados de habilidades linguísticas que permitem criar e alterar palavras para manter viva a língua e em movimento.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. **Neologismos: criação lexical**. São Paulo: Ática. 2007.
- AULETE, C. **Dicionário Caudas Aulete**. Versão digital. 2015. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: maio de 2019a janeiro de 2010.
- BAGNO, M. **Não é errado falar assim!** Em defesa do Português brasileiro. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BASILIO, M. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.
- BIDERMAN, M. T. C. **As ciências do léxico**. In: OLIVEIRA, A. M. P. P., ISQUERDO, A. N. (Orgs.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo grande: UFMS, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Unidades complexas do léxico**. In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O.M; Silva, F. (Org.). Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela. 1ª ed. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v. II, p. 747-757.
- BLOOMFIELD, L. **A set of postulates for the science of language**. Language. V. 2, n. 2, p. 153-164, 1926.
- BORBA, F. S. **Organização de dicionários: uma introdução à Lexicografia**. São Paulo, UNESP. 2003.
- BUENO, E. S. S e SILVA, R. V. **Contribuições da pesquisa sociolinguística ao ensino de língua portuguesa no Brasil**. Edição Atual - ANAIS do SIELP. VOL. 2. n. 1. Uberlândia: EDUFRRN, 2012.

CANDIDO, E. C. R.; GOMES, N. T. **Memes**: uma linguagem lúdica. Revista Philologus, Rio de Janeiro, ano 21, n.63, p. 1293-1303, set./dez., 2015.

CARVALHO, N. M. **Ato e fato social e linguístico**: neologismo. In: SILVA, J. P. (Org.) Neologia e neologismos no Brasil – século XXI. Curitiba: Primas, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Criação neológica**: teoria e prática. Curitiba: Apris, 2012b.

\_\_\_\_\_. **Empréstimos Linguísticos**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2008.

**Chapolin Sincero**. Museu de Memes, Rio de Janeiro, 10 de jan. de 2015. Disponível em: <<https://www.museudememes.com.br/sermons/chapolin-sincero/>>. Acesso em 19 de out. de 2019.

CHOMSKY, N. **Estruturas sintáticas**. Petrópolis: Vozes, 2015.

CORREIA, M.; ALMEIDA, G. M. B. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

COSTA, N. S. A. **Língua, Cultura e Sociedade Guató**: universo léxico-semântico da fala indígena. Assis/SP, 2002. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. **Comunidades de práticas**: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). In: OSTERMANN, A.; FONTANA, B. (Org.). Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010.

FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística I**: Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2007.

GOMES, W. “**Nós somos a rede social!**”: o protesto político entre as ruas e as redes”. In: MENDONÇA, R. F.; PEREIRA, M. A.; FILGUEIRAS, F. (eds.). Democracia digital: publicidade, instituições e confronto político. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2016b. pp. 371-94.

GONÇALVES, C. A. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Editora Contexto, 2016. (E-book)

- HENRIQUES, C. C. **Léxico e Semântica**. Rio de Janeiro: Alta Books - Edição Digital, 2018.
- HOUAISS. A. **Grande dicionário Houaiss beta da língua portuguesa**. Versão digital. 2012. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php>>. Acesso em: maio de 2019 a janeiro de 2010.
- KEHDI, V. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Ática. 1997.
- KENEDY, E. **Linguagem, Sociedade e Cognição**. In: PAES, R. (Org.). *Língua, uso e discurso: entremeios e fronteiras*. Rio de Janeiro: Editora da UESA, 2013.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 1972.
- LEITE, Y.; CALLOU, D. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- LOBATO, M. **Emília no país da gramática**. São Paulo: ABC, 1934.
- MACIEL, R. F.; TAKAKI, N. H. **Novos letramentos pelos memes: muito além do ensino de línguas**. JESUS, D. M.; MACIEL, R. F. (Orgs.) *Olhares sobre tecnologias digitais: linguagens, ensino, formação e prática docente*. 1ed. Campinas: Pontes Editores, 2015, v. 44, p. 53-82.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. Em: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita: Atividades de Retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MATENCIO, M.L. M. **Leitura, produção de textos e a escola: reflexões** sobre o processo de letramento. Campinas: Mercado de letras, 2002.
- MCCLEARY, L. **Sociolinguística – Curso de Licenciatura e Letras-Libras**. UFSC, 2007. Disponível em:<[www.gpesd.com.br/baixar.php?file=11](http://www.gpesd.com.br/baixar.php?file=11)>. Acesso em 4 de março de 2019.
- MICHAELIS, **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 2009. Versão online. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: maio de 2019 a janeiro de 2020.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MURANO, E. **O texto na era digital**. Revista Língua Portuguesa. São Paulo, v. 64, ano 5, p. 28-33, fev. 2011.

OLIVEIRA, A. M., ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo grande: UFMS, 2001.

PINKER, S. **O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PRETI, D. **Variação lexical e prestígio social das palavras**. In: PRETI, Dino (Org.) **Léxico na Língua Oral e Escrita**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2003.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ROCHA, L. C. A. **Estruturas morfológicas do português**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SANTOS, R. C. **Neologismos lexicais em gênero textual emergente: uma análise de textos veiculados no Facebook**. 2013. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9D2MMU/1/dissertac\\_a\\_o\\_renise\\_cristina\\_santos.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9D2MMU/1/dissertac_a_o_renise_cristina_santos.pdf). Acesso em 20 de julho de 2019.

SAPIR, E. **A Linguagem: Introdução ao Estudo da Fala**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEVERO, C. G. **A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões**. Revista Voz das Letras, n. 9, p. 1-17, 2008.

SHEPHERD, T. G.; SALIÉS, T. G. (Orgs.). **Linguística da internet – O princípio: Entrevista com David Crystal**. São Paulo: Contexto, p. 17-37, 2013.

SOUZA JÚNIOR, J. **“#InBrazilianPortuguese”, memes e fenômenos: linguística e as sugestões para reconhecer e investigar eventos digitais**. In: IX Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, Belo Horizonte, MG. Anais. Belo Horizonte, 2015.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

TETANI, L. **Notas sobre a relação entre constituintes prosódicas e a ortografia.** Revista Estudos Linguísticos, p. 231-245.2008.

"**Uma revolução sem gramática**". Só Língua Inglesa. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2008-2019. Disponível em <<http://www.solinguainglesa.com.br/conteudo/reportagens9.php>>. Acesso em 2 de maio de 2019.

VANIN, A. A. **Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidades de fala’.** *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, v. 31, n. 2, p. 147-153, 2009.

VANOYE, F. **Usos da Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VILLALVA, A.; SILVESTRE, J. P. **Introdução ao estudo do léxico.** Petrópolis, RJ:Vozes - Edição digital, 2017.

## ANEXOS

Tabela 5 - Palavras candidatas a neologismos

PALAVRAS CANDIDATAS A NEOLOGISMOS
after
antidecepcional
bad
before
bomdilma
bouísse
contatinho
crush
desver
dinheiro-se
doguinho
<b>domingar</b>
enzo
fakenews
falsiane
<b>fitness</b>
kkkkkkkk
like
mozão
noronhe-se
pré-nada
<b>printar</b>
quartar
quintar
<b>ranço</b>
<b>rolezeiro</b>
sabadar
sextar
sobrancelhapagano
<b>spoiler</b>
sqn

stalkear
stories
tbt
<b>vácuo</b>

Obs: As palavras destacadas em negrito foram descartadas para o corpus desta pesquisa, por terem sido encontradas registradas, com o mesmo contexto de uso do meme em que apareciam em pelo menos um dos dicionários consultados.